

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Vinicius Rodrigues da Rosa Dutra

O ASSUNTO HOJE É: A CRISE DO JORNALISMO.
***Podcast* jornalístico e mediação qualificada como**
estratégia de enfrentamento

Porto Alegre

2020

Vinicius Rodrigues da Rosa Dutra

O ASSUNTO HOJE É: A CRISE DO JORNALISMO.
***Podcast* jornalístico e mediação qualificada como
estratégia de enfrentamento**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao curso como requisito
parcial para obtenção do grau de Bacharel
em Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Felipe Moura de
Oliveira

Porto Alegre

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões Mendes

Vice Reitora: Profa. Dra. Patricia Helena Lucas Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Karla Maria Müller

Vice Diretor: Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

Chefe: Profa. Dra. Enoí Dagô Liedke

Chefe Substituto: Prof. Dr. Marcelo Ruschel Träsel

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

Coordenador: Prof. Dr. Felipe Moura de Oliveira

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Flávio Porcello

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

D978a

Dutra, Vinicius Rodrigues da Rosa.

O Assunto hoje é: a crise do jornalismo. *Podcast* jornalístico e mediação qualificada como estratégia de enfrentamento. / Vinicius Rodrigues da Rosa Dutra – Porto Alegre, 2020.

71 f.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Moura de Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo, Porto Alegre, 2020.

1. Jornalismo. 2. Crise do Jornalismo. 3. Mediação Qualificada. 4. *Podcast*. I. Oliveira, Felipe Moura de. II. Título.

Bibliotecária Responsável: Andreia Petró da Rosa – CRB 10/2488

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Bairro Santana, Porto Alegre, RS

CEP: 90035-007

Telefone: (51) 3308.5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

Vinicius Rodrigues da Rosa Dutra

O ASSUNTO HOJE É: A CRISE DO JORNALISMO.

***Podcast jornalístico e mediação qualificada como
estratégia de enfrentamento***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Moura de Oliveira

Examinado em 18 de novembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Moura de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Orientador

Prof. Dr. Basilio Alberto Sartor
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Examinador

Profa. Ma. Barbara Nickel
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por me proporcionar ensino público, gratuito e de qualidade. Agradeço a todos técnicos, servidores, funcionários terceirizados, e a todos que contribuem para o funcionamento desta instituição maravilhosa. Vida longa à UFRGS, que seja, cada vez mais, inclusiva, plural e democrática.

Agradeço aos professores do curso de Jornalismo, do Departamento de Comunicação e da demais disciplinas que cursei. Tive o privilégio de aprender com mentes brilhantes, questionadoras e preocupadas com a causa social. Obrigado por se dedicarem ao lindo ofício de ensinar.

Ao meu orientador, caro Felipe de Oliveira, pelos ensinamentos, disposição e apoio ao longo desta pesquisa. Obrigado por confiar em mim para contribuir com seu trabalho científico, o que fiz com imenso prazer.

Agradeço à UFRGS TV, ao Fernando Favaretto e todos servidores, funcionários e colegas, pelas amizades, ensinamentos e momentos marcantes. Atribuo à TV universitária um imenso amadurecimento profissional.

Agradeço aos amigos e colegas que encontrei ao longo desta graduação, aos quais tenho grande admiração. Obrigado por provocarem discussões importantíssimas dentro de sala de aula.

Agradeço à minha família, por todo amor, estrutura e suporte. Sem vocês nunca alcançaria os locais em que cheguei.

À Andreia Petró, minha melhor amiga e companheira, fonte de amor de uma vida inteira. Local de conforto, carinho, incentivo e amor. Obrigado por cada conselho, cada passo ao meu lado e cada café após o R.U.

Obrigado a todos os jornalistas que exercem o melhor da profissão, e assim, contribuem para um mundo mais justo e democrático.

— Gostaria que isso não tivesse acontecido na minha época — disse Frodo.

— Eu também — disse Gandalf. — Como todos os que vivem nestes tempos. Mas a decisão não é nossa. Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado.

J. R. R. Tolkien, O Senhor dos Anéis.

RESUMO

Esta monografia descreve a atual crise do jornalismo, e a diferencia das crises anteriores por sua característica sistêmica, a qual afeta o fazer jornalístico em sua materialidade, a linguagem. Explicita que a crise, evidenciada pelo ambiente digital, surge da incapacidade do campo jornalístico representar todos os sentidos de um acontecimento. Introduz o conceito de mediação qualificada enquanto estratégia de enfrentamento à crise do jornalismo. Apresenta o formato *podcast*, bem como dados relativos à sua popularidade e audiência entre os brasileiros. Relaciona o formato como uma expressão possível da mediação qualificada e se propõe a analisar esta relação por meio do *podcast* O Assunto, do grupo Globo. Caracteriza a pesquisa pela natureza básica estratégia, com objetivos exploratórios e abordagem mista, ou seja, alia métodos qualitativos e quantitativos. Utiliza a análise de conteúdo jornalística para observação do objeto de pesquisa, definido como o *podcast* O Assunto. Realiza o pré-teste da análise através da escuta de sete episódios selecionados bimestralmente ao longo do primeiro ano do *podcast*. Delimita a amostra a partir da lista dos doze episódios de maior audiência do Assunto, divulgada pelo veículo que o produz. Propõe e aplica categorias para análise da amostra, sendo estas elucidação, aprofundamento, contextualização, checagem e serviço. Identifica como predominante a categoria contextualização, em cinco episódios; a categoria aprofundamento, em quatro episódios; e a categoria elucidação, em um episódio. Evidencia, a partir das categorias, como o formato *podcast* favorece o exercício da mediação qualificada ao admitir sua impossibilidade de representar tudo, ao promover o entendimento e contextualização dos acontecimentos e ao produzir conhecimento sobre o tempo presente. Reflete o potencial do próprio jornalismo resolver o seu contexto de crise, reforçando o papel do jornalista de vigilante da democracia e mediador da esfera pública.

Palavras-chave: Jornalismo. Crise do jornalismo. Mediação qualificada. *Podcast*.

ABSTRACT

This monograph describes the current crisis of journalism, and differentiates it from previous crises by its systemic characteristic, which affects journalistic activity in its materiality, its language. It explains that the crisis, evidenced by the digital environment, arises from the inability of the journalistic field to represent all the meanings of an event. It introduces the concept of qualified mediation as a strategy to face the crisis of journalism. It presents the podcast format, as well as data related to its popularity and audience among Brazilians. It lists the format as a possible expression of qualified mediation and proposes to analyze this relationship through the podcast O Assunto, by Grupo Globo. It characterizes the research by its basic strategic nature, with exploratory objectives and a mixed approach, that is, it combines qualitative and quantitative methods. It uses the content analysis of journalism to observe the research object, defined as the podcast O Assunto. It performs the pre-test of the analysis by listening to seven episodes selected bimonthly throughout the first year of the podcast. It delimits the sample from the list of the twelve episodes of O Assunto with the highest audience, released by the vehicle that produces it. It proposes and applies categories for sample analysis, which are elucidation, deepening, contextualization, fact-checking and service. It identifies as predominant the category contextualization, in five episodes; the deepening category, in four episodes; and the elucidation category, in one episode. It shows, from the categories, how the podcast format favors the exercise of qualified mediation by admitting its impossibility to represent everything, by promoting the understanding and contextualization of events and by producing knowledge about the present time. It reflects the potential of journalism itself to resolve its crisis context, reinforcing the role of the journalist as a vigilante for democracy and a mediator in the public sphere.

Key words: Journalism. Journalism crisis. Qualified mediation. Podcast.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA	13
1.2	OBJETIVOS	14
1.2.1	Objetivo geral	14
1.2.2	Objetivos específicos	14
2	DA CRISE À MEDIAÇÃO QUALIFICADA	16
2.1	A CRISE DO JORNALISMO	16
2.1.1	Uma nova crise	17
2.1.2	Sobras	19
2.1.3	Ambiente digital e desinformação	19
2.1.4	Início de enfrentamento e reafirmação da autoridade	21
2.2	MEDIAÇÃO QUALIFICADA	23
2.2.1	Virada epistemológica	25
2.2.2	Agir Cartográfico	26
2.3	<i>PODCAST</i> COMO ESPAÇO PROFÍCUO DA MEDIAÇÃO	27
2.3.1	Podcast no Brasil em números	28
2.3.2	Podcast e a mediação qualificada	29
3	METODOLOGIA	31
3.1	O ASSUNTO	32
3.2	PROCEDIMENTOS	33
3.3	ESCUITA PRÉ-TESTE	36
3.3.1	O Assunto #01: Amazônia em chamas	36
3.3.2	O Assunto #45: O que dizem os voluntários que correm riscos para ajudar a limpar praia atingidas por petróleo no Nordeste	38
3.3.3	O Assunto #88: O primeiro ano do governo Bolsonaro	39
3.3.4	O Assunto #130: Ceará – PMs parados e a crise na segurança	39
3.3.5	O Assunto #174: Vidas em quarentena, com Selminha Sorriso e Claudinho	40
3.3.6	O Assunto #218: O impacto do auxílio emergencial na pobreza	41
3.3.7	Assunto #260: O risco Queiroz para o próprio Bolsonaro	42
3.4	CATEGORIAS QUE EMERGIRAM	43

4	O ASSUNTO É: MEDIAÇÃO QUALIFICADA.....	44
4.1	CATEGORIAS DE ANÁLISE	44
4.1.1	Aprofundamento.....	47
4.1.2	Contextualização	48
4.1.3	Elucidação.....	48
4.1.4	Checagem.....	49
4.1.5	Serviço.....	50
4.2	EPISÓDIOS DE ANÁLISE	50
4.2.1	O Assunto #107: Coronavírus, o novo vírus que colocou o mundo em alerta	51
4.2.2	O Assunto #177: As vítimas ocultas da Covid-19.....	52
4.2.3	O Assunto #161: O saque de R\$ 600 para os informais	53
4.2.4	O Assunto #167: A troca de ministro e o futuro da saúde	54
4.2.5	O Assunto #182: A ida teatral de Bolsonaro ao STF	55
4.2.6	O Assunto #187: A fritura do ministro da Saúde	56
4.2.7	O Assunto #173: Edição extra - Moro fora do governo Bolsonaro..	57
4.2.8	O Assunto #194: EDIÇÃO EXTRA - O governo Bolsonaro nu e cru	58
4.2.9	O Assunto #171: O rastreamento de pessoas no combate à Covid-19	59
4.2.10	O Assunto #199: Qual é a hora de afrouxar o isolamento?	60
4.3	UMA MEDIAÇÃO POSSÍVEL	62
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
	REFERÊNCIAS.....	67

1 INTRODUÇÃO

“O jornalismo está em crise” é uma das primeiras frases que se escuta no curso de... Jornalismo. Parece alarmista para o recém-chegado, mas a cada repetição ao decorrer da graduação percebe-se mais como um aviso e um chamado à ação. Sim, o jornalismo está em crise e, possivelmente torna-se maior e melhor justamente neste contexto. Talvez mais do que outros campos, está em um estágio de constantes mudanças, sejam elas em seu financiamento ou causadas pela evolução tecnológica.

Com o surgimento da televisão, se tensionou o rádio como mídia até então predominante, da mesma forma que o rádio havia feito com o jornal impresso anteriormente. A evolução da tecnologia provocou crises dentro do jornalismo, gerando a necessidade de mudanças dos veículos, dos profissionais e do público. O que havia em comum entre esses movimentos era o crescimento da concentração do poder de intermediação do jornalismo.

Todavia, hoje é possível verificar uma crise de natureza diferente da habitual. O advento da internet e das redes sociais digitais conseguiu atingir o campo de uma forma que as transformações anteriores não puderam. Oliveira (2016) descreve o processo atual como uma crise sistêmica, por atingir o jornalismo especificamente na sua linguagem — na qual reside a materialidade do jornalismo — e assim afetar a função historicamente atribuída ao campo, de mediador da esfera pública. Descentraliza-se o poder de mediação entre os acontecimentos e a sociedade, pois nas redes os próprios usuários reportam os fatos que presenciam. Os indivíduos relatam eventos para outros indivíduos, sem a necessidade de o conteúdo transitar por um repórter ou um editor, evitando as dinâmicas pelas quais tal relato passaria dentro de uma redação.

Esse processo incute diversas consequências na sociedade. A descrença no jornalismo profissional, ao mesmo passo do crescimento de portais destinados a compartilhar conteúdo duvidoso, incerto ou mentiroso, gera retrocessos na democracia brasileira. Um estudo encomendado pela organização Avaaz apontou que, durante o processo eleitoral de 2018, 98% dos eleitores de Jair Bolsonaro foram expostos a notícias falsas e 90% acreditaram serem verdadeiras (PASQUINI, 2018). O compartilhamento sistemático de

notícias falsas durante as eleições presidenciais só se torna tão fértil no ambiente das redes sociais digitais. E, até então, a inexistência ou quase inexistência de mecanismos de punição ou responsabilização dentro dessas plataformas permitiram a difusão de mentiras. Plataformas como o *WhatsApp* tornam quase impossível até mesmo rastrear a origem das chamadas *Fake News*.

Já no contexto de 2020, gerou-se uma batalha de narrativas referentes a pandemia de Coronavírus, com notícias falsas sendo um dos principais elementos envolvidos. Twitter, Facebook e Instagram apagaram postagens do presidente defendendo o uso de hidroxicloroquina e o fim do isolamento social, por entender que elas criariam desinformação e que poderiam causar danos reais às pessoas. Além disso, instituições também se movimentaram contra as *Fake News*. O Senado Federal aprovou e encaminhou à Câmara dos Deputados um projeto de lei que cria medidas de combate à disseminação de conteúdo falso, enquanto o Supremo Tribunal Federal, desde 2019, conduz o chamado “Inquérito das *Fake News*”, apurando a disseminação de conteúdo falso na internet e ameaças a ministros do tribunal.

Um estudante de jornalismo fica apreensivo neste contexto. O que pode ser feito frente a essa realidade, sem precisar depender de empresas e instituições externas? Apenas as técnicas e teorias que estuda, dentro dos veículos já consolidados parecem não ser suficientes para combater a desinformação e ao mesmo tempo reforçar a legitimidade do jornalismo. Na faculdade, aprende-se a pensar criticamente sobre a profissão a fim de fazer um bom jornalismo. Mas se mesmo profissionais competentes e com experiência, já bem colocados em veículos tradicionais, tem dificuldade em se comunicar com parte da população, o que resta ao jornalista iniciante?

A tentativa de resposta dos veículos jornalísticos a essa crise não vem de hoje. Segundo Oliveira (2019), ao menos desde 2013, a partir do contexto das *Jornadas de Junho*, é possível ver o início de uma reação mais orgânica do jornalismo brasileiro mais tradicional. Há o início do entendimento — dentro da Folha de S. Paulo, por exemplo — que as redes sociais digitais alteram as relações entre os leitores e as informações que recebem.

Entretanto, são iniciativas independentes como o Nexo, Agência Pública e o *podcast* Mamilos que parecem mais promissores na busca por alternativas a esse contexto. Além de uma “roupagem” nova, trazem características especiais

nas suas produções jornalísticas. Valores como o diálogo e a explicação sobressaem em relação ao mero relato e à autoridade dos veículos. A instantaneidade, por exemplo, nem sempre é uma característica primordial.

Mas como definir e sistematizar essas novas movimentações jornalísticas? O que diferencia essas novas abordagens daquelas feitas comumente pelos veículos tradicionais? Surge assim, como uma proposta de enfrentamento à crise, e uma possível definição das novas iniciativas jornalísticas, a mediação qualificada, descrita por Oliveira como:

Um movimento teleológico de produção, com base na formação que outorga ao jornalista essa prerrogativa, teoria e método, de signos/notícia capazes de representar sentidos essenciais do objeto/acontecimento, o que é possível da sua singularidade, assumindo como essência a sua função mediadora. (OLIVEIRA, 2019, p. 14)

Torna-se necessário que os jornalistas se apropriem de novos papéis, muito mais voltados à curadoria e à qualificação da mediação. Dentro desse conceito, ainda pode-se considerar o Agir Cartográfico como expressão da mediação qualificada mais próxima da aplicação prática, ao resgatar pontos do acontecimento e criar um trajeto, como um mapa de ideias.

Portais como o Nexo e *podcasts* como o Mamilo possivelmente pavimentaram essa via alternativa para o jornalismo brasileiro, mas um marco ainda maior ocorre quando a mídia tradicional passa a percorrê-la. É representativa, como medida de enfrentamento da crise, a entrada do Grupo Globo na produção de *podcasts* em 2019, com foco especial no programa O Assunto, do portal G1, produzido e apresentado por Renata Lo Prete. Tendo seu primeiro episódio publicado em 26 de agosto de 2019, tornou-se em menos de 9 meses o *podcast* mais baixado da América Latina, segundo ranking da Triton Digital (PODCAST..., 2020). Além disso, evidencia-se que o formato *podcast* apresenta-se relevante à mídia brasileira. Ainda que tardio o seu advento no país em relação aos Estados Unidos, cerca de 50 milhões de internautas brasileiros, 40% do total de 120 milhões, já ouviram *podcast*, segundo pesquisa do Ibope (2019).

Suspeita-se, então, que O Assunto esteja em consonância com as propostas de ação do jornalismo descritas pela mediação qualificada. Como a própria Renata Lo Prete descreve, na ocasião do lançamento do programa, o

podcast. “Nasceu, como quase tudo, de uma necessidade: aprofundar um tema, em meio a tantos que nos bombardeiam todos os dias. Entendê-lo melhor e estabelecer as conexões. Num formato que cabe na vida, mesmo com a correria.” (JORNALISMO..., 2019, não paginado).

Sua relevância e representatividade, a partir do grande conglomerado de comunicação que é o Grupo Globo, do envolvimento de uma jornalista já consolidada e pela audiência alcançada pelo programa já seria uma justificativa para uma pesquisa que tenha O Assunto como objeto de análise. Além disso, seu formato de *podcast* jornalístico — que segundo Oliveira, Nickel e Kalsing (2020) tem no seu gene potencial para o exercício da mediação qualificada — também motiva um estudo que avalie a relação entre o programa e a proposta teórico-metodológica.

Frente à crise sistêmica descrita acima, com possíveis danos ao papel do jornalismo de mediador da esfera pública, torna-se relevante que a academia produza subsídios para tentativas de enfrentamento ao estado atual. Os efeitos gerados pelas redes sociais digitais, incluindo as distorções de fatos, nas democracias contemporâneas demonstram a importância dos processos comunicacionais na sociedade.

Faz-se necessário não apenas um diagnóstico crítico do campo, incluindo empresas, profissionais, produções e suas dinâmicas, mas também a proposição de alternativas e soluções. Sendo a mediação qualificada uma proposta teórico-metodológica em construção, e que se apresenta como uma alternativa à crise, é pertinente uma investigação que analise produções jornalísticas sob esta perspectiva. Além disso, justifica-se que o processo de construção teórica, como o expressado, é instigante ao pesquisador.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A partir do exposto, propõem-se o seguinte problema de pesquisa: **adotada a perspectiva da mediação qualificada como estratégia de enfrentamento à crise do jornalismo, como o *podcast*, representado por O Assunto, do Grupo Globo, favorece o seu exercício?**

1.2 OBJETIVOS

A fim de resolver o problema de pesquisa, enuncia-se os seguintes objetivos geral e específicos:

1.2.1 Objetivo geral

Investigar como o *podcast*, representado por O Assunto, do Grupo Globo, favorece o exercício da mediação qualificada como estratégia de enfrentamento à crise do jornalismo instaurada pelas tensões oriundas do ambiente digital.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Definir a crise do jornalismo na sua relação com o ambiente digital;
- b) Debater a mediação qualificada como estratégia de enfrentamento à crise do jornalismo;
- c) Caracterizar o uso do *podcast* como fenômeno contemporâneo;
- d) Descrever as características do *podcast* jornalístico O Assunto, do Grupo Globo;
- e) Analisar como o *podcast* favorece ao exercício da mediação qualificada como estratégia de enfrentamento da crise do jornalismo.

Para alcance dos objetivos, fez-se uso da análise de conteúdo descrita por Heloiza Herscovitz (2007), seguindo os seguintes passos: a partir de uma pergunta, constrói-se a conceituação, com definições nominais e operacionais; seleciona-se a amostra, o período, os elementos; realiza-se a etapa de pré-teste, com refinamento conceitual e treinamento para codificação; cria-se os códigos para registro, ou seja, as categorias de análise; aplica-se tais categorias para análise quantitativa e qualitativa para então tabular, interpretar os resultados e apresentar as inferências das análises.

O capítulo “Da crise à mediação qualificada” aprofunda, no primeiro momento, a investigação da crise do jornalismo apresentada anteriormente, suas causas e consequências, assim como as características particulares da crise atual. Posteriormente resgata-se os conceitos de mediação qualificada, como uma possibilidade de enfrentamento à crise, e do agir cartográfico como ferramenta para tanto. E, partir disso, descreve o formato *podcast*, como uma possível aplicação de tais conceitos. No capítulo seguinte é detalhada a metodologia utilizada no trabalho, a caracterização da pesquisa, o objeto de análise — o *podcast* O Assunto — bem como a técnica utilizada e os procedimentos realizados para sua consecução, inclusive para a criação de categorias de análise do corpus. O capítulo “O assunto é: mediação qualificada” traz a aplicação das categorias de análise nos episódios selecionados, retomando os conceitos descritos no segundo capítulo e expondo os resultados aferidos. Apresentam-se as categorias aprofundamento, contextualização, elucidação, checagem e serviço, como características presentes no *podcast* que se relacionam com a proposta de mediação qualificada. Por último a conclusão apresenta as interpretações finais.

2 DA CRISE À MEDIAÇÃO QUALIFICADA

O presente capítulo apresenta a conceituação necessária para subsidiar a análise pretendida. Organiza-se em três subcapítulos: a crise do jornalismo, a mediação qualificada e *podcast* como espaço profícuo para mediação.

2.1 A CRISE DO JORNALISMO

Compreende-se o jornalismo, de um ponto de vista específico, como uma atividade, com princípios e práticas próprias, que relata imparcialmente os acontecimentos relevantes para a sociedade. Adicionalmente, pode considerar que descreve serviços necessários para o funcionamento da sociedade.

Nesta perspectiva, o jornalismo pretende seguir princípios como a objetividade e a imparcialidade de forma tal que passa a acreditar que alcançou o posto de imparcial. O jornalista não emite sua opinião fora do espaço atribuído ao jornalismo opinativo e, desta forma, o seu relato dos acontecimentos seria um retrato da realidade, uma representação perfeita dos fatos, que não sofreriam alteração ao serem manipulados pelo jornalista.

Todavia, mesmo o retrato é um recorte da realidade que captura. Assim como escolhe-se a direção em que se aponta a câmera ao fotografar, o jornalismo seleciona os fatos que considera relevantes, ao se encaixarem em seus valores-notícia ou não. E, análogo à escolha da lente da câmera, que irá alterar a área de captura da fotografia, o próprio acontecimento selecionado terá elementos abordados pelo jornalismo, e elementos deixados de lado. Afinal, é impossível apreender a realidade, ou mesmo um pequeno ponto da realidade, em sua completude.

Evidencia-se, porém, que a postura de grande parte do jornalismo durante muito tempo foi a de não admitir esse recorte. Ou ainda, de não acreditar nesta perspectiva, mas sim em que a imparcialidade e a objetividade são fins plenamente alcançáveis, e que a representação produzida pelo jornalismo é uma reprodução integral e inalterada da realidade.

A perspectiva adotada neste trabalho difere-se da exposta acima. A partir de Oliveira (2016), define-se o jornalismo como um campo social importante dotado de uma forma específica de produção de conhecimento sobre o tempo presente, orientado ao interesse público e que cumpre um papel crucial para a democracia, o de vigilância (FRANCISCATO, 2005 apud OLIVEIRA, 2016). Campo esse que afeta a realidade com as escolhas do que merece ser representado e do que não merece. Oliveira (2019) expõe o jornalismo como sistema que representa os acontecimentos — que por sua vez, define uma singularidade que produz rupturas, descontinuidades — e, a partir do enquadramento, determina semioticamente hierarquias, ou seja, o que merece atenção no presente. A ampla replicação dos sentidos conferidos neste processo reflete concretamente na sociedade, levando-a a ações práticas.

2.1.1 Uma nova crise

Este jornalismo está em crise. A frase já clichê, porém, hoje denota um processo relativamente novo pelo qual o campo passa, que se difere das crises anteriores. A atual crise é sistêmica e deixa em alerta o que se chama de jornalismo, ou, ao menos, assim deveria ser.

O jornalismo tradicionalmente possuiu durante muito tempo o monopólio da mediação entre os acontecimentos e a esfera pública. Fosse por meio da mídia impressa, rádio ou televisão, eram sobretudo as empresas jornalísticas maiores e menores que detinham as tecnologias e técnicas necessárias para relatar os fatos que ocorrem na sociedade. Mesmo se considerarmos movimentos amadores ou iniciativas independentes, estariam nesse lugar de mediação para o público.

Durante o longo período da história do jornalismo em que a comunicação ocorreu dessa forma, houveram inúmeras crises, mas a grande maioria delas tinha relação aos avanços tecnológicos. Com o surgimento do rádio, os jornais impressos foram tensionados, da mesma forma que foi com o rádio em relação a televisão. Tais crises exigiam adequação dos profissionais e produtos, mas não eram tão dramáticas a ponto de mudar as estruturas do jornalismo e da

comunicação. O poder de mediação da esfera pública continuava sendo do jornalismo, se concentrando mais a cada nova tecnologia.

Hoje, o que ocorre é algo diferente. A partir do surgimento da internet e, sobretudo, das redes sociais digitais, o jornalismo é afetado de uma nova forma. Os usuários em rede podem se comunicar com uma eficiência única através da internet, para uma grande audiência, sem a necessidade de um repórter ou veículo de comunicação realizar a intermediação. Os personagens representados nas notícias possuem eles mesmos uma plataforma para dar o seu relato e visão sobre um ocorrido, sem a necessidade de um jornalista, ou do jornalismo em si, agir como um mediador. Essa possibilidade gera diversas tensões na sociedade.

Ao tencionar-se esse sistema, a partir do advento das redes sociais, surge então uma crise sistêmica, pois afeta o sistema nervoso, a materialidade do jornalismo: sua linguagem. Não mais é uma crise de concentração do poder de mediação e evoluções tecnológicas. No ambiente digital, surgem outras representações do acontecimento que questionam ou até refutam as interpretações jornalísticas. Nas palavras de Oliveira, Osório e Henn (2019, p.4), “a representação e a interpretação que o jornalismo faz dos acontecimentos (nos termos de Peirce, 2002) são questionadas, quando não refutadas, e, não raro, pelos próprios personagens que os protagonizam”. Os protagonistas da notícia questionam ou refutam o enquadramento recebido, assim como as intenções dos jornalistas e veículos.

Evidencia-se aqui que o conceito de crise não possui uma conotação necessariamente ruim. Oliveira explica a crise como sistêmica, no contexto de sistemas dinâmicos e complexos:

É uma crise sistêmica, no âmbito dos sistemas dinâmicos e complexos (VIERA, 2000; MAINZER, 1994; PRIGOGINE, 1976), assentada no parâmetro da conectividade. Quando a interação entre os sistemas avança, a tendência à entropia impõe pelo menos dois cenários, antagônicos: ou o sistema avança, até mesmo com a identidade modificada; ou sucumbe, tem seu gene radicalmente alterado. Isso no espaço público entendido como semiosfera – em alusão à biosfera (LOTMAN, 1986): locus simbólico em que se metabolizam todas as semioses; ao agirem e interagirem, sistemas atribuem significados aos acontecimentos, transforma-os entre si. (OLIVEIRA, 2019, p.4)

2.1.2 Sobras

O jornalismo tem limitações. Por mais que tente, não consegue representar toda a realidade existente, ou todos acontecimentos que rompem seja do seu bairro, da sua cidade, país ou do planeta inteiro. Afinal, não se trata de apenas uma contenção de despesas e equipamentos, ou de uma equipe curta, mas sim de uma impossibilidade de representar-se tudo que há, ou ainda, todos os lados de um acontecimento.

Segundo Oliveira (2016), ao citar Santaella, a representação realizada pelo jornalismo do objeto (acontecimento) no signo (notícia) gera o que a autora chama de sobras. Seriam os espaços e conteúdos deixados de fora do enquadramento realizado pela notícia. Originalmente esses espaços ou eram ignorados, ou não tinham nem força o suficiente, nem um meio para que se difundisse pela esfera pública. Se o jornal não disse, aquilo não existiu para as pessoas que não tiveram um contato direto com o acontecimento.

O que ocorre no ambiente da “semiosfera digitalizada” é que tais sobras passam a compor interpretações alheias ao jornalismo. Através das redes sociais digitais, os próprios envolvidos no acontecimento dão a sua versão da história, questionando ou refutando a interpretação dada pelo jornalismo.

Um ponto relevante inserido nestas sobras são os problemas sociais perenes, os quais o jornalismo não evidencia diariamente, por nem sempre haver acontecimentos relacionados. Seja o racismo, a falta de moradia, o machismo ou a situação das pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza, todos são assuntos de interesse público que merecem ser abordados, mas ainda que sejam problemas presentes todos os dias, não serão abordados diariamente. Apenas quando um acontecimento rompe nessa “normalidade” que revela um campo problemático latente, que a qualquer momento pode explodir.

2.1.3 Ambiente digital e desinformação

Como as redes sociais digitais são as grandes geradoras desta crise, vale uma observação sobre as características do seu funcionamento. Se a internet em

si possibilita uma comunicação global em rede, ao menos para aqueles que tem acesso à tecnologia, as redes sociais popularizam e dão forma a essa comunicação.

Plataformas como Facebook, Instagram e Twitter são gratuitas para seus usuários e recebem sua receita por meio de publicidade. A construção dos sites e aplicativos dessas redes visa maximizar a compreensão sobre os gostos e ações do usuário, a fim de lhe apresentar anúncios direcionados; e fazer os usuários permanecerem na plataforma o máximo de tempo possível, pois assim veem mais anúncios e treinam mais ainda o algoritmo. Sendo os conteúdos polarizantes os que mais geram engajamento do usuário, as características das redes potencializam o já existente ambiente de multiplicidade de sentidos, além de permitir a proliferação de desinformação. São, todos esses, processos que afetam o jornalismo, como expõe Oliveira, Osório e Henn:

[...] a existência de bolsões de articulação através dos quais ideários entendidos como retrógrados ganhavam materialidade vigorosa. Constituição e disputas de territórios de sentidos, incrementados com a performance de algoritmos, passam a compor a cena social contemporânea via rede, afetando dinâmicas jornalísticas. (OLIVEIRA; OSÓRIO; HENN, 2019, p. 2)

E acrescenta-se ainda, que a crise é potencializada, segundo Oliveira, Stefenon e Ozorio (2020, p. 4) “pela possibilidade de lideranças políticas e sociais ou instituições da democracia formal-liberal significarem os acontecimentos a partir de sentidos que o jornalismo não deu conta de interpretar”. Ou seja, nas redes sociais digitais, um tuíte do presidente da república pode ter amplo alcance entre brasileiros, em um canal direto, atribuindo um sentido específico aos acontecimentos, sem intermédio do jornalismo. Anteriormente às redes, isso seria possível apenas em pronunciamentos oficiais em rádio e televisão, mas a fala seria passível do escrutínio jornalístico imediatamente após ser concluída. Nas redes facilmente se ignora, ou ainda, bloqueia-se o que desagrada.

Nesse ambiente, prosperam um dos sintomas mais visíveis desta crise do jornalismo: as chamadas *fake news* ou desinformação. Tornaram-se expressões globais da última década, ao serem utilizadas em votações como a do *Brexit*, que definiu a saída do Reino Unido da União Europeia, e a eleição de Donald Trump, em 2016. As estratégias, nesses usos de desinformação, incluíram o

agenciamento de robôs e o uso ilegal de dados pessoais de usuários de redes sociais (OLIVEIRA; STEFENON; OZÓRIO, 2020). No Brasil, a eleição de 2018 foi marcada pelo espalhamento das *fake news*, principalmente pelo aplicativo Whatsapp, e atingiram 98% dos eleitores de Jair Bolsonaro, convencendo 90% deles (PASQUINI, 2018).

O que se viu nos últimos anos, portanto, foi que essa configuração de inúmeros agentes interpretantes dos acontecimentos possibilitaram a difusão da desinformação, ao mesmo tempo que se desvalorizou a colocação do jornalismo enquanto campo produtor de conhecimento sobre o tempo presente.

Costa (2019), faz um diagnóstico interessante sobre a raiz das *fake news*, o autor propõe uma analogia com Luz e Sombra ao dizer que a desinformação não é uma manifestação das “Trevas” da ignorância e do medo, que se coloca em uma oposição à “Luz” do jornalismo. São, pois, “Sombras” criadas por esse próprio jornalismo luminoso que contém aspectos ocultos, reprimidos — compreende-se esta proposta como consonante ao conceito das “sobras”, de Santaella. O autor, ainda usando a analogia, apresenta a postura do jornalismo perante o crescimento das *fake news*:

O Jornalismo moderno evocava sobre si uma imagem de herói solarizado, grande responsável pela luz que revela a Verdade. O mesmo se pode dizer da Ciência, outra instituição igualmente atacada nos dias de hoje. Esse metadiscurso reforça dentro do campo o imaginário de separação que o validava, mas ao mesmo tempo dava forças para que a sombra crescesse em uma orientação idêntica. (COSTA, 2019, p. 11)

Este seria, pois, um erro estratégico cometido pelo jornalismo no início do enfrentamento a esta crise, de tentar reafirmar a objetividade e o domínio da verdade. Uma insistência na imagem luminosa do jornalismo que geraria apenas uma reação da sombra da desinformação.

2.1.4 Início de enfrentamento e reafirmação da autoridade

O jornalismo, os jornalistas e os veículos não estão, por óbvio, despercebidos da crise descrita acima. Diariamente notam-se influências do ambiente digital e das redes sociais digitais no campo, e da mudança que ocorre

na comunicação em rede. Entretanto, em um primeiro momento, as reações foram tímidas e pouco inovadoras. Segundo Oliveira:

As reações instintivas que marcaram o enfrentamento inicial à crise, pois, na sua dimensão tangível, negam os efeitos produzidos pelo que resta como sobra da semiose da notícia, reivindicando a autoridade histórica para uma representação fiel à realidade. (OLIVEIRA, 2019, p.4)

Frente a crise, a postura inicial dos veículos foi a reafirmação de sua autoridade enquanto detentor da verdade, com legitimidade para representar os acontecimentos. Entende-se, porém, que a autoridade do jornalismo se constituiu a partir do seu fazer jornalístico de representação da realidade, dentro de um contexto de monopólio da mediação e da construção realizada por ele mesmo, através desse processo, e não o contrário. A autoridade, ou legitimidade do jornalismo portanto não é imutável ou inquestionável, e sua mera reafirmação não basta como enfrentamento da crise.

Oliveira (2019) identifica que ao menos desde 2013, no contexto da Jornadas de Junho, o início do entendimento na Folha de S. Paulo perante a influência das redes sociais, dando início a uma reação mais orgânica por parte do jornalismo brasileiro. Pode-se identificar nesse sentido, o surgimento da checagem de fatos, ou *fact-checking* como uma ferramenta utilizada que contribui ao enfrentamento da crise, ainda que tenha um alcance limitado para minar as *fake news*.

Atenta-se então para os alertas dados ao jornalismo em função dessa crise. Oliveira, Stefenon e Ozorio (2020, p. 16) apontam o possível “esgotamento do paradigma da objetividade como princípio fundador do estatuto do campo, severamente tensionado ante ao ambiente digital”. Complementarmente Oliveira, Osório e Henn evidenciam:

[...] insistente alerta ao jornalismo sobre o risco que corre de perder a legitimidade que alcançou na história como instituição mediadora, a quem cabe propor o debate sobre os temas relevantes no presente (FRANCISCATO, 2005). Isso na hipótese de não enfrentar, reflexivamente, a crise provocada pelos fluxos de informação nas redes sociais digitais. (OLIVEIRA; OSÓRIO; HENN, 2019, p. 16)

A partir de todo o contexto exposto, apresenta-se a seguir o desenvolvimento do conceito da mediação qualificada, defendido nos trabalhos de Oliveira (2016) e Oliveira, Osório e Henn (2019) como estratégia de enfrentamento à crise do jornalismo.

2.2 MEDIAÇÃO QUALIFICADA

Historicamente o jornalismo defendeu a viabilidade filosófica de transmitir, de noticiar os fatos e representar o que ele próprio definiu como importante em um acontecimento, baseado nos princípios de isenção, imparcialidade e impessoalidade. No entanto, compreende-se que, quando os signos produzidos pelo jornalismo para representar dado acontecimento são repetidamente refutados na esfera pública reformulada pelo ambiente digital, evidencia-se aí um possível esgotamento dessa perspectiva e, portanto, uma crise. Refuta-se porque o jornalista foi incapaz de apreender todos os aspectos de um acontecimento, e acredita-se que nunca seria capaz de cobri-lo em sua completude.

Ao apropriar-se desta tarefa e defender sua legitimidade para definir o que merece ser representado, o jornalismo assume uma responsabilidade que este não é capaz de cumprir, fato que só tornou-se evidente a partir das tensões causadas pelo surgimento do ambiente digital, das redes sociais e de sua influência na esfera pública. Quando o acontecimento é significado em outros signos alheios ao jornalismo, nas redes sociais, coloca-se em risco a credibilidade jornalística e o campo como um todo. Afinal, se o jornalismo não é capaz de cumprir o que historicamente dizia ser sua função, para que ele serve?

Frente a todas essas tensões, torna-se necessário, postas as características da atual crise, uma revisão do campo sobre práticas convencionais e propõe-se processos mais complexos de representação dos acontecimentos. Oliveira, Osório e Henn (2019), em consonância, apontam:

[...] a necessidade de uma autorreflexão por parte do campo – compartilhada com o conjunto dos campos sociais – na direção da revisão de práticas que historicamente encerraram a representação dos acontecimentos em sentidos pouco esclarecedores. Postula-se uma representação mais complexa, capaz de denotar sentidos que contribuam à resolução de conflitos sociais; não que os estimule (OLIVEIRA; OSÓRIO; HENN, 2019, p. 2).

Evidencia-se aqui, ainda, que tal conjuntura, que gera a deslegitimação do campo, estimula consequências concretas na sociedade, desde as já descritas *fake news* até ataques a jornalistas.

Diagnosticada, então, uma crise sistêmica, de natureza inédita na história do jornalismo, em razão de o papel assumido pelo jornalismo ter se mostrado insuficiente diante dos parâmetros conectivos dos sistemas numa dada semiosfera, o jornalismo é obrigado a repensar a sua existência e seu ofício principal. Oliveira propõe, então, a mediação qualificada como uma alternativa.

Trata-se de um movimento de produção de signos/notícia que representem sentidos essenciais do objeto/acontecimento, assumindo como essência a sua função mediadora. Aponta-se aos sentidos essenciais justamente buscando uma ação possível diante de sua singularidade (OLIVEIRA, 2019). Neste sentido, caberia ao jornalismo o papel de reafirmar a sua função mediadora na semiose, enquanto interpretante produtor do signo/notícia, de modo a escrutinar os significados socialmente mais legítimos, entre os sentidos que circulam em rede (OLIVEIRA, 2016).

Assim, inverte-se a concepção em torno do processo de produção da reportagem. Ao invés de olhar o acontecimento procurando sua singularidade e logo buscando os personagens da notícia, reflete-se primeiro sobre a existência dele para saber se de fato ele contribui para a inteligibilidade do mundo, papel que historicamente o jornalismo cumpriu, mesmo em uma visão mais ou menos funcionalista do campo. Compreende-se que essa função do jornalismo, de contribuir para a inteligibilidade do mundo, para boa organização de dada esfera pública ou da sociedade, se opera em um lugar específico, a semiosfera.

Cunhado por Iuri Lotman, trata-se, pois de uma analogia para representação da esfera pública. Análogo ao conceito físico de biosfera, seria um ambiente não físico que constitui as condições para significação humana sobre o mundo. Ali, sistemas de produção de sentido, como o jornalismo, agem e interagem significando e ressignificando acontecimentos (OLIVEIRA, 2016). Por sistemas, compreende-se a definição para os campos sociais, a partir da perspectiva da filosofia da linguagem.

Acrescenta-se, ainda que a mediação qualificada se inspira na teoria do agir comunicativo, dentro da concepção de esfera pública e de mediação de Jürgen Habermas. O autor expõe que, na esfera pública, lugar de interação dos campos, o jornalismo é uma atividade de mediação em busca do melhor argumento, de importância central na construção social da realidade.

Na esfera pública de Habermas (2003), o jornalismo tratar-se-ia de uma atividade de mediação em busca do melhor argumento. O filósofo alemão define o conceito conferindo-lhe centralidade na construção social da realidade: a esfera pública concretizar-se-ia numa rede comunicativa; e seria o lugar em que se processa o bem-comum e o esclarecimento dos cidadãos, na interação entre campos. Ao jornalismo caberia, então, não apenas circular discursos, mas, sim, escrutiná-los – verbo original da obra de Habermas. Nessa perspectiva, é indispensável para um projeto emancipatório de sociedade: ao produzir conhecimento, dotando os indivíduos de um saber de si e de racionalidade comunicacional, os tornaria capazes de exercer a ação comunicativa com vistas ao bem-comum habermasiano. (OLIVEIRA; STEFENON; OZORIO, 2020, p. 6)

Historicamente, repete-se, o jornalismo se colocou em um papel distinto da mediação e, no lugar, assumiu o de reconstrução discursiva do mundo, usando valores como objetividade e imparcialidade para legitimar sua representação dos acontecimentos. A mediação qualificada própria, então, adotar elementos da perspectiva habermasiana como uma base para o exercício do jornalismo, visando o ideal do bem-comum.

2.2.1 Virada epistemológica

Em consonância, a mediação qualificada também é definida como um projeto político-acadêmico que estimula uma virada epistemológica nos estudos de jornalismo. Em um movimento que visa reposicionar preceitos constituintes do jornalismo, fixaria a objetividade na dimensão estritamente metodológica do estatuto do campo, deixando a dimensão ontológica; e da transparência do método como princípio deontológico (OLIVEIRA, 2019).

Admite-se, portanto, a impossibilidade da mera transmissão dos acontecimentos para o público e, a partir disto, cabe ao jornalismo, organizar e mediar o conflito entre signos que circulam neste espaço de metabolização de discursos. O campo não impõe a sua representação, mas sim constitui-se em mais um agente que disputa (OLIVEIRA; OSORIO; HENN, 2019).

Finalmente, é conveniente ressaltar que a mediação qualificada não se apresenta como uma proposta totalmente inovadora ou 100% original. É, pois, uma reunião e aperfeiçoamento de práticas do jornalismo, visando possibilitar ao campo que ele mesmo possa resolver a sua crise. Aposta-se em práticas já

existentes relacionadas a mediação, e a partir de propostas mais originais como o agir cartográfico, para retomar a função.

2.2.2 Agir Cartográfico

O desafio, dada tal proposta, é aproximar de sua realização prática, ao desenvolver-se estratégias e métodos que possibilitem a execução da mediação qualificada. Destaca-se que é um conceito em construção, e inclusive a presente pesquisa busca contribuir para um maior entendimento de seu funcionamento. Mas, como um passo mais concreto, Oliveira, Osório e Henn (2019) propõem o que chamam de agir cartográfico como uma estratégia de ação, um método potencial.

Compreende-se, segundo os autores, o acontecimento como algo caótico, sem possibilidade de organização completa e de uma representação integral. Promove-se, então, uma relação dessa caoticidade com o conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari, definido como uma metáfora para impossibilidade de ordenação da existência. Termo originado na botânica, refere-se a uma espécie de junção não arborescente, ou seja, sem a hierarquia que prescinde a ideia de raiz, em que o crescimento se dá de maneira estrutural. O conceito expressa o poder de conexão entre diversos pontos, presentes no acontecimento, assim como o caráter heterogêneo dessas conexões, já que, no rizoma, qualquer ponto pode ser conectado a qualquer outro, formando cadeias semióticas de toda natureza que se conectam a diversos modos de codificação (OLIVEIRA; OSÓRIO; HENN, 2019)

Resta ao jornalismo, então, dentro deste emaranhado de sentidos possíveis em um acontecimento, mapear pontos importantes, estabelecendo conexões a fim de contribuir para o seu entendimento. Da criação deste mapa de múltiplos sentidos, surge o termo agir cartográfico. Nas palavras de Oliveira:

Em tentativa de síntese (inevitavelmente redutora da complexidade), consistiria na ação do jornalismo com atenção a uma espécie de “mapa das conexões” (daí a referência à cartografia) que permite a existência rizomática do ciberacontecimento. [...] Ao cartografá-lo, o jornalismo lhe conferiria inteligibilidade, produzindo conhecimento a partir do que aferiu como singular no acontecer, nos termos de Genro Filho (1989). (OLIVEIRA, 2019, p. 10)

O rizoma não possui limites ou formas definidas, a todo tempo modificando-se e, portanto, impossível de representar sua dinâmica na completude. Por isso, “qualquer tentativa de cristalização do rizoma é, assim, apenas parcial. O estabelecimento de pontos de estruturação é entendido como estabilização temporária” (OLIVEIRA; OSÓRIO; HENN, 2019, p. 6). Compreende-se então, que o jornalismo deve, a partir da ideia de agir cartográfico, produzir conhecimento relevante ao interesse público com o esforço de estabilização do pulsar do rizoma, ou acontecimento, ciente e admitindo a impossibilidade de representação do todo.

A nova postura do jornalismo, a partir desta compreensão, admite:

[...] estamos mediando a realidade caótica, compondo mapas semióticos. No objeto representado, há outros aspectos que não demos conta, que dependem da sua navegação; o *outro* que representamos tem voz; e você, que nos lê, processa semioses que originam signos diferentes dos nossos, e que também o representam”. (OLIVEIRA, 2019, p. 17)

Diante do exposto, um dos desafios da mediação qualificada, e de sua tentativa de aplicação no agir cartográfico, é ser construída para um público amplo e difuso, afinal, é justamente este público que legitima ou não o campo. Pode-se considerar que reportagens em profundidade, por exemplo, já se relacionam com alguns princípios aqui postos, de certa maneira. Entretanto, apenas o público de um jornalismo segmentado não é suficiente para reafirmar a importância do campo e recuperá-lo da crise. Isto posto, suspeita-se que o formato do *podcast* jornalístico possa, ao mesmo tempo que possibilita o movimento em favor da recolocação do jornalismo enquanto mediador da esfera pública, alcançar este grande público.

2.3 *PODCAST* COMO ESPAÇO PROFÍCUO DA MEDIAÇÃO

Acredita-se, com base nas características expostas sobre a mediação qualificada, que o formato *podcast* — e mais precisamente, o *podcast* jornalístico — possa ser proficiente para o seu exercício, dentro do contexto de enfrentamento da crise. Aqui expõe-se os motivos para essa suposição, assim como para evidenciar a relevância do formato.

Murta (2016) destaca, a partir de levantamento de Kischinhevsky, diversas particularidades do *podcast*. É a instância que possibilita o consumo de arquivos sonoros “liberado do polo emissor”, ou seja, assíncrona com sua transmissão e com a possibilidade de consumir diversas vezes um conteúdo que, antes, eram perdidos após a veiculação em ondas hertzianas. É uma modalidade de radiofonia potencialmente usada por atores sociais a fim de estabelecer novos canais de comunicação sem a mediação das tradicionais empresas de mídia, ainda que se perceba o *podcasting* como um canal apropriado pela indústria da radiodifusão sonora.

2.3.1 Podcast no Brasil em números

Oliveira, Nickel e Kalsing (2020) apontam para um crescimento do *podcast* no Brasil. A partir de pesquisa do Ibope (2019), evidencia-se que cerca de 48 milhões de brasileiros já ouviram *podcast*, são 40% dos 120 milhões de internautas do país. Em comparação, nos Estados Unidos 70% estão familiarizados com o formato. Cerca de 38,4 milhões de internautas brasileiros, ou 32%, nem sabem o que é.

Estima-se que 19% dos internautas ouvem *podcast* três ou mais vezes por semana, enquanto 13% consome ao menos uma vez por semana. 43% não costuma ouvir com frequência. A idade média do ouvinte do formato é 34 anos, sendo a faixa entre 35 e 54 anos referente a 33% dos ouvintes, enquanto 32% tem entre 25 a 34 anos (IBOPE, 2019). Segundo pesquisa da Associação Brasileira de *Podcasters* (ABPOD, 2019), 84% dos ouvintes são homens, ainda que o percentual de mulheres tenha aumentado de 16%, em 2018, para 27% em 2019. Nesta pesquisa a média de idade do ouvinte é 28 anos.

Os *podcasts* são ouvidos, em geral, concomitante à realização de outras atividades, como deslocamento ou limpeza doméstica, e se tem preferência por episódios curtos, de até 15 minutos de duração, que tenham conteúdo com objetividade (IBOPE, 2019).

Acrescenta-se, ainda, que a produção de *podcast* no Brasil é pouco profissional. Grande parte dos chamados *podcasters*, 73,5%, gravam em casa, sem ambiente especial, enquanto 26,7% improvisam um estúdio em casa. Apenas

1,5% dos produtores alugam um estúdio profissional. Além disso é uma produção predominante masculina, com 87,1% dos produtores (ABPOD, 2018 apud OLIVEIRA; NICKEL; KALSING, 2020).

2.3.2 Podcast e a mediação qualificada

O *podcast*, sendo um formato nativo do digital, se relaciona com o próprio ambiente em que surge a crise. Enquanto o *podcast* jornalístico, tem potencialidade para o exercício da mediação qualificada, em seu próprio gene (OLIVEIRA; NICKEL; KALSING, 2020).

Acredita-se que, além do suporte tecnológico, a linguagem do *podcast* diferencia-se da presente no rádio tradicional, sobretudo motivado pela característica duradoura do formato. Tendo o rádio um acesso imediato e efêmero, percebe-se a coerência de um conteúdo noticioso que não ultrapasse o lide clássico. Em contraponto, conforme apontam Oliveira, Nickel e Kalsing (2020) nota-se no movimento de *podcasters* uma noção de insuficiência da notícia e um avanço para uma tentativa de contexto e incorporação de novas visões e dados, a partir do público.

Suspeita-se que o formato *podcast* possibilita, por sua natureza e lógica de consumo, uma expressão mais visível e tangível da mediação qualificada, em comparação a outros formatos de jornalismo em áudio. Sua característica de aprofundamento e explicação dos temas tratados, de debate, além da possibilidade de contextualização a partir da cristalização de pontos importantes dentro do acontecimento rizomático parecem estar em sintonia com o agir cartográfico e a mediação. Ademais, processos de checagem — que se opõem às *fake news* — se incorporados à mediação, podem ter seus efeitos potencializados.

Compreende-se que o *podcast*, um programa de áudio mais aprofundado que um boletim noticioso, que está disponível na internet sob demanda do ouvinte, não pode resolver sozinho as questões iniciais que deram início à crise. A saber, o surgimento de diversas narrativas sobre a realidade a partir das redes sociais digitais e a impossibilidade de o jornalismo lidar com elas e representá-las. Presumivelmente, não se consegue eliminar as sobras, ou sombras,

expostas nesse contexto, mesmo que o *podcast* dure horas e tenha infindáveis edições. Todavia, acredita-se que um jornalismo fortemente vinculado a proposta de mediação qualificada, que adira à ideia de criar inteligibilidade a partir dos acontecimentos, e então ofereça-o ao público e à sociedade; que se ocupe com mais que o mero relato do boletim noticioso; e aliado a um discurso que admita esses limites, que exponha a escolha feita ao selecionar o acontecimento e ao enquadrá-lo, pode de fato ser uma grande contribuição como estratégia de enfrentamento à crise.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho é uma pesquisa de natureza básica estratégica; as quais, na definição de Gil (2016, p.27) são: “Pesquisas voltadas à aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação numa situação específica”.

Caracteriza-se por objetivos exploratórios e adota uma abordagem mista, que alia elementos qualitativos e quantitativos e vale-se da análise de conteúdo para exame do objeto.

Nas palavras de Gil:

As pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado (GIL, 2016, p. 27).

Ainda que haja a compreensão de que se trata de uma pesquisa básica estratégica, seus resultados tem potência para cumprir apenas parcialmente com o propósito de enfrentar a crise do jornalismo atual. Isso porque dedica-se, no cotejamento entre teoria e manifestações concretas, a contribuir para o refinamento do conceito de mediação qualificada – do qual devem decorrer técnicas projetadas a posteriori, em pesquisas futuras. O próprio estágio de desenvolvimento do conceito – e a natureza desta monografia – não permitem resultados mais aplicados neste momento.

Por sua vez, descreve-se o método da análise de conteúdo jornalística de acordo com Heloiza Herscovitz como:

Método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação (HERSCOVITZ, 2007, p. 126).

A autora ainda explica que:

[...] a identificação sistemática de tendências e representações obtém melhores resultados quando emprega ao mesmo tempo a análise quantitativa (contagem de frequências do conteúdo manifesto) e a análise qualitativa (avaliação do conteúdo latente a partir do sentido geral dos textos, do contexto onde aparece, dos meios que o veiculam e/ou dos públicos aos quais se destina) (HERSCOVITZ, 2007, p. 127).

O objeto a ser analisado, seguindo a metodologia descrita é o *podcast* O Assunto, do Grupo Globo.

3.1 O ASSUNTO

Tendo seu primeiro episódio publicado no dia 26 de agosto de 2019, o *podcast* O Assunto marcou a entrada do Grupo Globo na produção de *podcasts*. Lançado em conjunto com outros oito programas, o *podcast* apresentado pela jornalista Renata Lo Prete se tornou o mais ouvido da América Latina nove meses depois, segundo relatório da Triton Digital, com uma média de 694.720 downloads entre março e abril (PODCAST..., 2020).

É um programa em áudio com duração média entre 20 e 30 minutos, publicado no site do G1 e em diversas plataformas na web, de segunda a sexta-feira, exceto algumas edições extras. Durante seu primeiro ano, até o dia 25 de agosto de 2020, foram lançados 260 episódios e, segundo a própria Renata Lo Prete, passou dos 33 milhões de downloads nesse período. Mais de 360 convidados foram entrevistados nesse período, entre jornalistas, especialistas e personagens da notícia (O ASSUNTO..., 2020).

A rotina diária de produção do programa, a fim de registro, consiste em reunião de pauta, produção e escrita do roteiro durante a tarde, gravação ao final da tarde, nos estúdios do G1, e edição à noite, quando ocorre a inserção das vozes de convidados e de dados apurados. Publicados normalmente durante a madrugada, os episódios são disponibilizados assim que finalizados (todos episódio ouvidos durante a escrita deste trabalho foram divulgados entre 00h20 e 4h30).

Em reportagem veiculada no Fantástico no dia 25 de agosto, um dia antes do lançamento do primeiro episódio do Assunto, são apresentados os novos *podcasts* de jornalismo da Globo, ao mesmo tempo que o formato é explicado ao público. Durante a reportagem, a entrevistada Theo Balcomb, produtora executiva do *podcast* The Daily, do New York Times, explica: “No *podcast*, você tem a liberdade de se **aprofundar** no assunto pelo tempo que for necessário. Essa é uma das principais diferenças de um programa de rádio” (JORNALISMO..., 2019, vídeo, grifo nosso).

Na mesma matéria, Renata Lo Prete expõe que:

O Assunto é um *podcast* para **aprofundar**, para **contextualizar**, um tema quente do noticiário. Para dar ao ouvinte uma oportunidade de mergulhar mais fundo, não só naquela notícia, mas também na apuração do repórter, na análise do comentarista. É um *making of* da notícia também. (JORNALISMO..., 2019, vídeo, grifo nosso).

As demais definições dos propósitos do *podcast*, na ocasião do lançamento, destacam as mesmas características, a contextualização e o aprofundamento, demonstrando consonância com pontos da mediação qualificada. Na publicação que anuncia o início dos *podcasts* da Globo, no site do G1, Renata Lo Prete aponta que diariamente será escolhido e aprofundado um tema do noticiário para assim contar a história pela fala dos personagens e jornalistas (JORNALISMO..., 2019). Já o *teaser* “Conheça ‘o assunto’”, publicado dias antes do lançamento do primeiro episódio e disponível nas plataformas de áudio como uma prévia do programa, anuncia:

Em 20 minutos, vamos **contextualizar** e **aprofundar** o tema do momento, sempre procurando novos ângulos. [...] Além de explorar nossos arquivos, vamos conversar com repórteres, especialistas e personagens da notícia. [...] De segunda a sexta-feira, bem cedinho, mas você ouve na hora que for melhor para você. (JORNALISMO..., 2019, áudio, grifo nosso.)

Evidencia-se ainda que, após um ano de produção, as avaliações de Renata Lo Prete reforçam as pretensões iniciais. Em uma *live* especial no site G1, na ocasião do aniversário do programa, a jornalista expõe que o passar dos meses demonstrou que a vocação do Assunto é de fato aquela expressa no *teaser* e repetida ao longo de vários episódios, de aprofundar um tema do noticiário, em especial o assunto central daquele dia. Lo Prete explica: “Ele precisa ser central, ele precisa ter gancho, ele precisa ter atualidade, e [...] precisa passar no teste “O Assunto é...”. Se a gente não sabe dizer o assunto é o que, daí é melhor nem fazer” (O ASSUNTO..., 2020, vídeo).

3.2 PROCEDIMENTOS

Ainda que houvesse um período inicial de investigação, os procedimentos propriamente ditos da pesquisa foram executados entre agosto e outubro de 2020. Em um primeiro momento, ouviu-se livremente *podcasts* jornalísticos em

busca de um objeto de estudo que se encaixasse nas pretensões de pesquisa — a saber, a busca de uma possível expressão da mediação qualificada. A partir disso decidiu-se pelo *podcast* O Assunto, descrito acima, para desenvolvimento de categorias de análise, assim como sua aplicação.

Os procedimentos envolvendo o objeto de pesquisa dividiram-se em dois momentos. No primeiro, chamado de pré-teste e é descrito neste capítulo, houve a escuta de um primeiro grupo de episódios, tomada de notas e avaliação das possíveis categorias presentes. Este conjunto de episódios foi escolhido ao final de agosto de 2020. Levando em conta a data de 26 de agosto de 2020, aniversário de um ano do lançamento do programa, foram selecionados sete episódios espalhados ao longo deste primeiro ano. Para que a amostra fosse representativa deste período, foi escolhido um episódio a cada dois meses desde seu lançamento, visando sempre que possível o dia 26, exceto quando não houve lançamento de episódios, aos finais de semana. Já o último episódio selecionado, do dia 25 de agosto de 2020, foi escolhido para manter a análise dentro do primeiro ano de publicação, sendo o episódio seguinte parte do ano 2 do programa.

A motivação para escolha deste primeiro conjunto foi a intenção de selecionar uma amostra representativa de todo o primeiro ano de *podcast*, possibilitando perceber a evolução entre os programas, e se houve alguma mudança importante na sua estrutura ao longo de sua produção. A lista dos episódios selecionados pode ser conferida no quadro abaixo:

Quadro 1 - Episódios de pré-teste em ordem cronológica de lançamento

#	Episódio	Data	Duração
1	O Assunto #01: Amazônia em chamas	26/08/2019	0:20:41
2	O Assunto #45: O que dizem os voluntários que correm riscos para ajudar a limpar praias atingidas por petróleo no Nordeste	25/10/2019	0:25:18
3	O Assunto #88: O primeiro ano do governo Bolsonaro	26/12/2019	0:32:18
4	O Assunto #130: Ceará - PMs parados e a crise na segurança	26/02/2020	0:25:46
5	O Assunto #174: Vidas em quarentena, com Selminha Sorriso e Claudinho	27/04/2020	0:25:56
6	O Assunto #218: O impacto do auxílio emergencial na pobreza	26/06/2020	0:27:37
7	O Assunto #260: O risco Queiroz para o próprio Bolsonaro	25/08/2020	0:25:44

Fonte: elaborado pelo autor.

Posteriormente, para a etapa de aplicação das categorias observadas no pré-teste, na análise de episódios, selecionou-se a lista dos 12 episódios mais ouvidos do primeiro ano do Assunto, divulgada pelo próprio G1 (LO PRETE, 2020). Escolha motivada pelo interesse de se ter um conjunto representativo que evidencia o interesse do público e possivelmente uma relevância maior nos temas abordados.

Em razão de dois episódios pertencentes a esta lista já estarem englobados na seleção de pré-teste — a saber, o episódio 01 “Amazônia em chamas” e o episódio 218 “O impacto do auxílio emergencial na pobreza” — reduziu-se o total de episódios a serem analisados para 10. O conjunto de episódio pode ser conferido no quadro abaixo:

Quadro 2 - Episódios de análise ranqueados por audiência

#	Episódio	Data	Duração
4	O Assunto #218: O impacto do auxílio emergencial na pobreza	26/06/2020	0:27:37
2	O Assunto #107: Coronavírus, o novo vírus que colocou o mundo em alerta	23/01/2020	0:25:49
3	O Assunto #177: As vítimas ocultas da Covid-19	30/04/2020	0:25:19
4	O Assunto #161: O saque de R\$ 600 para os informais	09/04/2020	0:14:56
5	O Assunto #167: A troca de ministro e o futuro da Saúde	17/04/2020	0:21:42
6	O Assunto #01: Amazônia em chamas	26/08/2019	0:20:41
7	O Assunto #182: A ida teatral de Bolsonaro ao STF	08/05/2020	0:30:37
8	O Assunto #187: A fritura do ministro da Saúde	15/05/2020	0:29:54
9	O Assunto #173: Edição extra - Moro fora do governo Bolsonaro	25/04/2020	0:30:45
10	O Assunto #194: EDIÇÃO EXTRA - O governo Bolsonaro nu e cru	23/05/2020	0:30:41
11	O Assunto #171: O rastreamento de pessoas no combate à Covid-19	23/04/2020	0:24:06
12	O Assunto #199: Qual é a hora de afrouxar o isolamento?	29/05/2020	0:26:37

Fonte: Lo Prete (2020, adaptado pelo autor)

3.3 ESCUTA PRÉ-TESTE

Nesta etapa, ouviu-se os primeiros sete episódios, já mencionados, tabelou-se informações básicas como data de lançamento, convidados e duração, tomou-se nota dos tópicos tratados durante cada programa, e ainda se realizou a transcrição de momentos-chave. A partir daí os episódios foram avaliados a fim de identificar categorias que estivessem de acordo com a literatura a respeito da mediação qualificada, buscando características que expressem esse conceito.

3.3.1 O Assunto #01: Amazônia em chamas

O primeiro episódio do Assunto ouvido para esta etapa foi o primeiro a ser lançado, no dia 26 de agosto de 2020. Com duração total de 20 minutos e 41 segundos, o *podcast* foi apresentado por Renata Lo Prete e teve como convidados o repórter do fantástico Álvaro Pereira Júnior e a diretora de Ciência do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia Ane Alencar, para discutir as queimadas que ocorreram na Amazônia durante o ano de 2019.

A estrutura do roteiro deste primeiro programa se tornou recorrente ao longo dos episódios do primeiro ano. É possível realizar uma divisão em três partes. O episódio começa com uma apresentação do tema, narrada por Renata e sendo complementada por diversas sonoras externas. Em um segundo momento é chamado o repórter da Globo, Álvaro Pereira Júnior, que ajuda na exposição do tema, conta bastidores da notícia e até mesmo expressa um pouco de opinião subjetiva baseado na sua experiência com o tema. A partir daí chega-se no terceiro momento em que é chamada uma especialista, Ane Alencar, para explicar o funcionamento do fogo na Amazônia. Quais suas causas e consequências, além das especificidades das queimadas naquele ano.

Na abertura do episódio, em seus primeiros dois minutos, Renata Lo Prete contextualiza o tema que será tratado. Apresenta a repercussão que as queimadas geraram no Brasil e no mundo, em jornais estrangeiros e na cúpula do G7, relata as reações do governo e de manifestantes. São usadas nesse

momento diversas sonoras externas, com gritos de ordem, manchetes dos jornais de outros países e a fala do presidente. Essa prática é recorrente ao longo de todos episódios pesquisados. A partir desse contexto, se dá o questionamento central do episódio: Por que as queimadas de 2019 são diferentes das anteriores?

O repórter Álvaro Pereira Júnior é chamado então para relatar o que viu em campo. Ele produziu a reportagem do Fantástico que foi ao ar no dia anterior, na qual foi até a Amazônia e, baseado nos relatórios do INPE, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, procurou os locais em que foram identificadas queimadas. O repórter descreve o processo de sua reportagem, que caminho realizou até chegar na pauta em si, e relata a situação que viu na Amazônia, desde o cheiro e aspecto das queimadas, até a situação do Ibama da região e os possíveis culpados pela situação. Este processo de relato, em complemento ao início do programa, expõe e explica as dinâmicas que envolvem o tema proposto. Elucida a questão para o ouvinte que ainda não conhecia a situação, ou que a percebia apenas superficialmente, a partir do noticiário.

Relevante apontar a forma que o repórter se coloca no relato. Em uma reportagem de noticiário, ou mesmo em uma reportagem de profundidade como a do Fantástico, em geral o repórter não descreve o processo que o levou até a pauta, àquele local ou às fontes. Esse movimento, que assume a subjetividade do jornalista, torna-se possível no formato *podcast*, e repete-se em episódios futuros, ainda que em menor grau.

No terceiro bloco, a pesquisadora Ane Alencar aprofunda a questão ao expor as características do fogo na Amazônia, como ele se comporta e compara a queimada daquele ano com a série histórica. Explica as consequências do fogo ao meio ambiente, à saúde das pessoas e aos produtores da região.

É possível afirmar ainda que, além da elucidação e aprofundamento do tema, a checagem perpassa todo o roteiro do programa. Afinal, as questões levantadas no início e que buscam ser respondidas ao longo do episódio são motivadas por falas do presidente Jair Bolsonaro e do ministro Ricardo Salles, que minimizaram as queimadas ou culpam ONGs e ambientalistas. No encerramento, Renata Lo Prete retoma a fala dos entrevistados para acrescentar uma conclusão:

Um dado importante: se você reparar, a apuração jornalística do Álvaro Pereira júnior corrobora o que a Annie Alencar e outros cientistas nos explicaram nos últimos dias: as queimadas de agora são a segunda parte do desmatamento do qual a gente ouviu falar semanas atrás e que tanta crise causou entre o governo Bolsonaro e o INPE. (O Assunto #88, 2019, *podcast*)

3.3.2 O Assunto #45: O que dizem os voluntários que correm riscos para ajudar a limpar praia atingidas por petróleo no Nordeste

No dia 25 de outubro de 2019, sexta-feira, foi lançado o 45º episódio do Assunto, no qual foi abordado os casos de derramamento de petróleo no Nordeste brasileiro e, mais especificamente, os voluntários que estavam ajudando a limpar as praias atingidas. Durante os 25 minutos e 18 segundos de programa, Renata Lo Prete entrevista a repórter da TV Globo em Pernambuco Beatriz Castro, o gestor ambiental e voluntário na limpeza das praias Sidney Marcelino e a presidente do Conselho Regional de Química de Pernambuco, Sheylane Luz. Esta edição do programa retoma o tema dos episódios 33 e 38, que já trataram sobre as o derramamento de óleo e a limpeza das praias.

O episódio retoma a estrutura observada anteriormente. Primeiro há uma apresentação do tema, narrada por Renata Lo Prete e com a utilização de diversas sonoras externas, sobretudo advindas de reportagens e noticiários da Rede Globo. No segundo momento é entrevistada a repórter Beatriz Castro, que esteve nos locais atingidos noticiando as ações dos voluntários em campo. No terceiro bloco, uma diferença em relação ao episódio descrito anteriormente: a entrevista de um personagem da notícia, Sidney Marcelino, que atua como voluntário na limpeza das praias. Por último, a especialista Sheylane Luz descreve as consequências do contato com o petróleo que os voluntários estão tendo.

Novamente, a apresentação e a elucidação do tema abrem o *podcast* e, neste caso, se mantém durante a maior parte do episódio, com dois convidados. A repórter Beatriz Castro descreve os voluntários envolvidos na limpeza das praias, como se mobilizaram e sobre os casos de intoxicação causados pelo contato com o petróleo. O gestor ambiental Sydney explica o processo de monitoramento do vazamento de óleo, a coordenação e rotina dos voluntários,

os protocolos seguidos durante as ações nas praias. Ambos entrevistados explicam, com uma visão local, os detalhes sobre um aspecto específico do grande tema petróleo no Nordeste. A Química Sheylane Luz, no bloco final, aprofunda o tema ao citar os sintomas causados pelo contato com o petróleo, a curto e longo prazo, além de consequências para o meio ambiente.

3.3.3 O Assunto #88: O primeiro ano do governo Bolsonaro

Ao final do ano de 2019, no dia 26 de dezembro, o episódio 88 do Assunto se ocupou de fazer um balanço do primeiro ano do governo Bolsonaro. Apesar de ser o episódio mais longo até então, com 32 minutos e 18 segundos, traz apenas uma convidada: Maria Cristina Fernandes, repórter e colunista do jornal Valor Econômico. Na semana anterior, Maria Cristina havia escrito em sua coluna uma análise do governo de Jair Bolsonaro até ali. Vale lembrar ainda que o jornal Valor Econômico pertence ao Grupo Globo, fato que vai de acordo com os outros episódios ouvidos, que sempre têm a presença de um jornalista de veículo da Globo ou afiliado.

A introdução ao tema é dada com sonorais de diversos personagens do governo, como Jair Bolsonaro, Sérgio Moro e Paulo Guedes. A partir daí, se dá uma conversa com a convidada Maria Cristina ao longo de todo o programa, que pode ser dividido em quatro blocos. No primeiro, são analisadas as expectativas do governo contra a realidade do primeiro ano. No segundo, as jornalistas discutem a relação do governo com o congresso, em especial o presidente da Câmara Rodrigo Maia. Na terceira parte são abordados os filhos do presidente e suas implicações na política. Por último, são tratados os limites testados por Bolsonaro ao longo do primeiro ano de governo.

A conversa como um todo toma uma postura de análise, avaliação e panorama do governo. Não há propriamente a elucidação de nenhum tema, tampouco o aprofundamento das questões.

3.3.4 O Assunto #130: Ceará – PMs parados e a crise na segurança

O quarto episódio ouvido na etapa de pré-análise foi publicado no dia 26 de fevereiro de 2020. Com o tema “Ceará – PMs parados e a crise na segurança”, o programa com duração de 25 minutos e 46 segundos teve como entrevistado o repórter Cadu Freitas, da TV Verdes Mares, afiliada da Rede Globo no Ceará, e a cientista política e ex-PM Tânia Pinc.

Esta edição retorna à estrutura percebida nos dois primeiros episódios analisados. Renata Lo Prete, em um primeiro momento introduz o tema, no caso as paralisações dos policiais militares no Ceará e a crise da segurança gerada por isso. Para tanto são utilizadas diversas sonoras externas com manchetes e reportagens sobre a violência no estado, além de falas do governo federal e estadual. Depois, o repórter Cadu Freitas dá o seu relato da atual situação diretamente do Ceará. O jornalista descreve o ambiente das ruas, a presença do exército, o número de batalhões ainda ocupados pelos policiais militares. Explica a origem do movimento de ocupação e as reivindicações da categoria. Cita o aumento dos assassinatos no estado durante a paralisação e o momento de maior tensão até ali. Elucida bem todos os aspectos do acontecimento, causas e consequências.

No bloco seguinte, a cientista política Tânia Pinc descreve em profundidade as características das greves policiais, sua ilegalidade e os motivos de seus surgimentos. Nesse contexto, Tânia expõe também as ações necessárias para resolver os problemas geradores de tais paralisações.

3.3.5 O Assunto #174: Vidas em quarentena, com Selminha Sorriso e Claudinho

No dia 27 de abril de 2020, segunda-feira, o episódio número 174 do Assunto entrevistou o casal de mestre-sala e porta-bandeira da Beija-Flor, Selminha Sorriso e Claudinho sobre a distância causada pelo isolamento social em função da pandemia de Covid-19.

O episódio fez parte de uma série que reuniu personagens durante a quarentena. Nota-se nesse episódio também uma saída da estrutura mais comum do Assunto, e constata-se também a ausência de um repórter como entrevistado, prática comum dos demais episódios analisados. O programa em

geral tem um tom mais descontraído em comparação com os demais. Na breve apresentação do tema é exposto o contato inicial das fontes com Renata, inclusive com checagem de áudio e ruído de interfone ao fundo.

Ambos dançarinos são entrevistados ao mesmo tempo sobre a rotina durante a quarentena, suas experiências pessoais e sobre como dançar e ensaiar à distância. Depois ainda são perguntados sobre as expectativas para o carnaval de 2021 e sobre o que irão fazer quando a pandemia de Coronavírus passar.

Ainda que o foco do episódio não seja um tema central do noticiário, diferente dos episódios ouvidos até aqui, é importante ressaltar uma explicação dada por Renata Lo Prete durante a *live* de um ano do programa: “A gente pode contar uma história particular, mas ela precisa ter um valor universal e que tá inserido no noticiário do momento” (O ASSUNTO..., 2020, não paginado). Dentro do tema quarentena, aprofunda-se para uma história particular afetada por esse acontecimento, mas que possui esse valor universal descrito, uma potencialidade de identificação muito grande.

3.3.6 O Assunto #218: O impacto do auxílio emergencial na pobreza

Lançado no dia 26 de junho de 2020, o episódio sobre o benefício de auxílio emergencial, dado em função da pandemia de Coronavírus. Teve como convidados o economista e pesquisador do Insper Naércio Menezes e o jornalista da Globo News Valdo Cruz. O episódio de 27 minutos e 37 segundos se tornou o mais ouvido entre todos os 260 produzidos no primeiro ano do Assunto. Segundo Renata Lo Prete, o episódio teve mais de 400 mil downloads (O ASSUNTO..., 2020).

O episódio inicia com um bloco de apresentação do tema, um dos maiores entre os episódios ouvidos, com 4 minutos e 23 segundos antes de entrar o convidado. O tema é introduzido com uma sonora externa, de uma reportagem da Globo descrevendo a casa de dona Tânia, uma brasileira que vive abaixo da linha da pobreza extrema. Após ouvir a descrição do repórter e a fala da própria Tânia, entra a voz de Renata Lo Prete apresentando os números da população que vive em extrema pobreza, assim como os efeitos causados nessas famílias

com o recebimento do auxílio emergencial de 600 reais pagos pelo governo federal. A fala inicial de Renata durante esse trecho, em conjunto com as sonoras de diversas reportagens, explicitam a situação atual do benefício no país. O fato de o trecho ser mais longo, em relação a outros programas, permite que se sustente sozinho como uma elucidação inicial do tema.

No segundo momento o convidado Naércio Menezes aprofunda o tema apresentando diversos estudos sobre os impactos do benefício e o alcance que a medida teria se usuários que não necessitavam do auxílio não tivessem o solicitado. Cita também as projeções da pobreza no Brasil com e sem o benefício, além de orientar a respeito da criação de um programa social que desse amparo às famílias mais pobres.

No bloco seguinte, o jornalista Valdo Cruz é entrevistado sobre as próximas parcelas do benefício a serem pagas. Há um misto de elucidação a respeito do que se sabe sobre o pagamento, os custos econômicos e políticos para o governo, além de um aprofundamento no assunto, quando se apresenta as divergências entre governo e congresso em relação aos valores do auxílio.

3.3.7 Assunto #260: O risco Queiroz para o próprio Bolsonaro

O último episódio ouvido nesta etapa foi lançado na véspera do aniversário de um ano do *podcast* O Assunto, no dia 25 de agosto de 2020. Ele repete uma estrutura similar ao episódio número 88, ao trazer como convidada apenas a repórter da TV Globo Fernanda Graell. Durante os 25 minutos e 44 segundos do programa, é tratado sobre as investigações a respeito de Fabrício Queiroz, ex-assessor de Flávio Bolsonaro, filho do presidente.

O programa inicia com a sonora de Jair Bolsonaro ameaçando “encher a boca de porrada” de um jornalista. Em seguida sonoras de diferentes reportagens contextualizam a motivação da fala do presidente, no caso, o questionamento realizado por um jornalista sobre 89 mil reais depositado por Fabrício Queiroz, na conta da primeira-dama Michele Bolsonaro. A partir daí diversas sonoras vindas de jornais televisivos da Globo elucidam as investigações sobre Queiroz, com complementos de Renata Lo Prete.

Então, por volta do minuto quatro do episódio, entra a convidada Fernanda Graell. Como já apontado, a presença de outros jornalistas é sempre comum na lista de convidados do Assunto. Fernanda então passa mais de 20 minutos aprofundando as informações sobre todos os casos no quais Fabrício Queiroz é investigado.

3.4 CATEGORIAS QUE EMERGIRAM

A partir da escuta dos sete episódios descritos acima, identificou-se cinco categorias para análise dos episódios na próxima etapa. A saber, as categorias são aprofundamento, elucidação, análise, checagem e serviço, a serem detalhadas no capítulo seguinte. Em um primeiro momento, antes mesmo do teste, considerou-se a categoria debate como uma possível característica da mediação qualificada presente do *podcast*. Porém, logo percebeu-se a ausência dessa categoria na proposta do Assunto, se considerada no seu sentido estrito como um embate de ideias antagônicas.

4 O ASSUNTO É: MEDIAÇÃO QUALIFICADA

Entende-se que o jornalismo é o campo responsável por exercer uma mediação qualificada na esfera pública contemporânea marcada pela desestabilização das *fake news*, da desinformação, e da profusão de informações e sentidos. Em meio a isso, há uma função específica que cabe ao jornalismo, a de realizar uma mediação cujo objetivo é produzir conhecimento específico sobre o tempo presente. Este processo pode ocorrer em diversos meios, formatos e tamanhos, do tuíte à grande reportagem, mas acredita-se que certos formatos se mostrem mais propensos para essa prática do que outros.

O Assunto, ao longo desta pesquisa, parece demonstrar que o *podcast* é um formato que permite a mediação ser mais plenamente exercida. Isso se dá pelas características do próprio *podcast*: áudio, com potencial de alcance de um público amplo, e que possibilita uma escuta *on demand*, na hora que as pessoas manifestam a necessidade de inteligibilidade sobre determinado assunto. Entende-se sua propensão à contextualização e à elucidação como expressão deste papel mediador.

Quando o noticiário não faz uma representação suficiente do acontecimento, por falhar ao exercer a mediação entre uma realidade caótica e o espectador, o *podcast* O Assunto se apresenta como um complemento, de fácil acesso, que possibilita o entendimento. Faz-se ao longo dos episódios, inclusive, referência direta aos noticiários da Globo, por meio de sonoras.

E ainda, ao assumir que escolhe e aprofunda, diariamente, um tema do noticiário (JORNALISMO..., 2019), o *podcast* apresentado por Renata Lo Prete, de certa forma, admite que não representa tudo, mas seleciona um elemento em destaque no tempo presente.

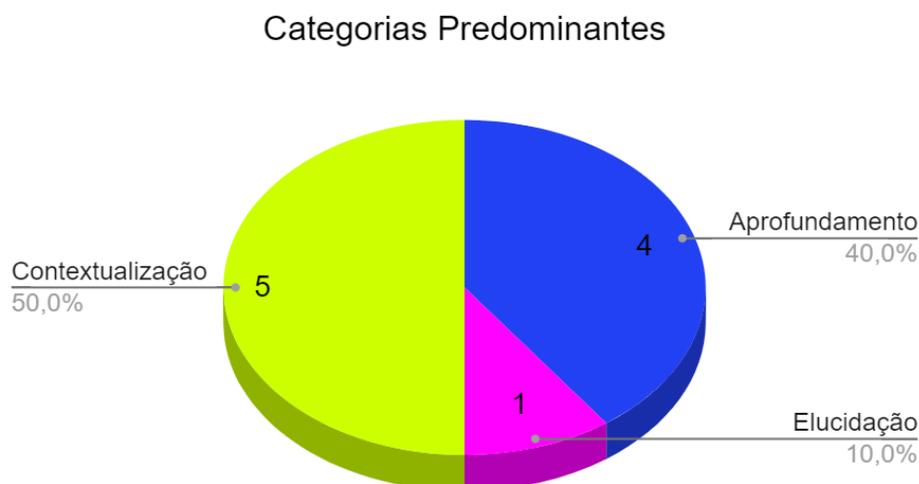
4.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE

A partir da escuta realizada na etapa que chamada de pré-teste, desenvolveram-se cinco categorias de análise que podem ser consideradas características consonantes com a proposta da mediação qualificada, ao mesmo

tempo que estão presentes no *podcast* O Assunto. São elas aprofundamento, contextualização, elucidação, checagem e serviço, a serem detalhadas no item 4.1. Buscou-se então, na escuta dos episódios descritos no item 4.2, identificar e quantificar a presença das categorias entre as edições mais ouvidas do primeiro ano do *podcast*.

Não se pretende no presente trabalho indicar categorias definitivas e absolutas para os episódios ouvidos e caracterizados. Compreende-se que as categorias são complementares e não antagônicas, portanto, podem estar presentes no mesmo episódio, e até mesmo ocorrerem simultaneamente em alguns casos. Seria possível a presença de todas as categorias em um único episódio, por exemplo, mas isso não se concretizou na amostra analisada. Para efeito de resolução do problema de pesquisa, opta-se por evidenciar, primeiro, as categorias predominantes de cada edição analisada. Depois, apresenta-se a recorrência de aparição das categorias, independentemente de sua duração.

Gráfico 1 - Recorrências das categorias como predominantes

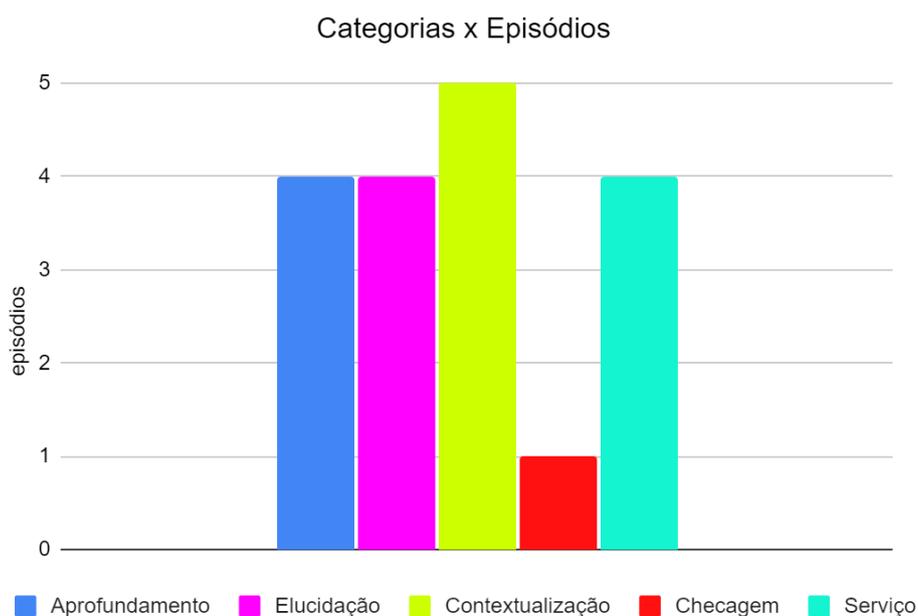


Fonte: elaborado pelo autor

Enquanto categoria predominante e principal dos episódios, ou seja, de maior duração, notou-se a contextualização como categoria com maior frequência, com 5 aparições entre as 10 edições analisadas. Logo em seguida,

com 4 aparições, a categoria aprofundamento foi a segunda mais recorrente dentro das categorias predominantes. Por último, se pode observar a categoria elucidação como predominante em apenas uma edição.

Gráfico 2 - Aparição das categorias entre os episódios analisados



Fonte: elaborado pelo autor

Percebe-se relevante, também, a observação da contagem da frequência das categorias propostas, independentemente de sua predominância ao longo de cada episódio. A partir desta verificação, se observa um maior equilíbrio na recorrência de cada elemento.

Apesar da aproximação das demais categorias, a contextualização permanece como a mais recorrente nesta contagem, com 5 casos. As categorias aprofundamento, elucidação e serviço apresentam a mesma frequência entre si, com 4 episódios cada uma. Por fim, nota-se a categoria checagem em apenas um dos 10 episódios avaliados.

A partir do próximo item, descreve-se cada categoria com mais detalhes.

4.1.1 Aprofundamento

Presente como categoria predominante em quatro episódios dos 10 analisados, compreende-se por aprofundamento uma explicação no detalhe sobre um fato específico. A ampliação de um ou mais aspectos de um dado acontecimento e sua investigação a partir de um conhecimento próprio. Seria um processo pelo qual o jornalista utiliza seu próprio conhecimento e apuração, ou o contato com um especialista, para aprofundar, explicar, detalhar conhecimentos sobre sua especialidade. A função do jornalista é, portanto, ser um mediador entre o conhecimento de uma área específica do conhecimento e o público. Essa mediação do conhecimento científico se dá a partir de um “fato gerador”, um acontecimento “caótico” de interesse público, que “demanda” um especialista para sua compreensão.

Gisele Reginato (2016) cita Ignacio Ramonet ao apresentar a orientação e aprofundamento como uma finalidade do jornalismo, já que o mesmo deveria pesquisar informações e também desenvolver reflexões, em um entendimento que o público deseja menos informação, mas que seja melhor. (RAMONET, 2012 apud REGINATO, 2016)

Grande parte do jornalismo hoje ainda se ocupa com noticiar os acontecimentos. Matérias de aprofundamento em geral são reservadas a revistas; cadernos especiais, nos jornais impressos; ou a programas jornalísticos específicos, no caso da televisão. O rádio em si aparenta dar preferência ao debate, e ao noticiário. São formatos que perdem espectadores para as redes sociais, ainda que eventualmente sejam comentados nelas. O aprofundamento no contexto do jornalismo em áudio, na figura do *podcast*, apresenta-se então como um formato viável e popular nesse ambiente digital. Não segue necessariamente a lógica do aprofundamento dos outros formatos, por geralmente não ter muito mais do que meia-hora, como no caso do Assunto, mas contribui inclusive para sua visibilidade.

4.1.2 Contextualização

A contextualização é a categoria de maior recorrência entre os episódios, com cinco aparições, todas como categoria predominante. Trata-se de uma análise de um contexto mais amplo, um panorama envolvendo um conjunto de acontecimentos, que avalia suas causas e repercussões, realizando conexões entre os fatos. Requer análise de múltiplos fatores que extrapolam um acontecimento específico e, possivelmente, não se tira uma única conclusão sobre o assunto.

Reginato (2016) expõe que é papel do jornalismo contextualizar informações, relacionando causas e consequências e que o mesmo deve interpretar e analisar a realidade, contribuindo para a compreensão do mundo. A autora complementa ainda:

Concordo com Schudson (2008), que afirma ser papel do jornalismo fornecer quadros coerentes de interpretação para ajudar os cidadãos a compreenderem um mundo complexo e para que o público saiba retirar de uma ocorrência todas as implicações que ela poderá ter. Especialmente num contexto de excesso de informações circulando, o jornalismo deve ajudar a analisar a realidade, garantindo sua importância na sociedade. (REGINATO, 2016, p. 221)

4.1.3 Elucidação

Presente em quatro episódios, a categoria caracteriza bem a compreensão do jornalismo como uma mente interpretante que explica os fatos caóticos da sociedade, portanto, a mediação qualificada. Trata-se da explicação clara de um fato objetivo, diferenciando-se das análises e projeções das categorias anteriores. É um processo no qual a função do jornalista, ao produzir conhecimento sobre o tempo presente, reúne informações necessárias sobre um dado acontecimento para deixá-lo mais inteligível. O jornalista reúne os fatos, suas causas e implicações e apresenta uma conclusão ainda que incompleta, com o objetivo de elucidar algum ponto muito específico de um tema sob o qual haja pouca informação, informação imprecisa ou desinformação.

O episódio classificado predominantemente como elucidação, O Assunto #161, ilustra bem a categoria, já que aborda especificamente o pagamento do auxílio emergencial, quem tem direito, como acessá-lo etc.

Reginato (2016) destaca as visões dos jornais Estadão e Folha de S. Paulo sobre a mediação e seu didatismo. O primeiro afirma o jornalismo enquanto intermediário entre fato ou fonte de informação e o leitor. Já o segundo:

A Folha reconhece a mediação no sentido da linguagem: o jornalismo deve ser didático, adaptando o discurso especializado em uma linguagem mais acessível ao leitor. O didatismo entra na Folha não só no sentido de explicar os assuntos, mas também no sentido de guiar a leitura, ensinando como os conteúdos devem ser lidos. “O jornal deve partir do pressuposto de que o leitor não está familiarizado com os assuntos. É preciso explicar, esclarecer, detalhar, de maneira concisa e exata, em linguagem direta e acessível” (REGINATO, 2016, p.122)

4.1.4 Checagem

A checagem, checagem de fatos, ou ainda, *fact-checking*, trata-se de um processo de verificação de dados, acontecimentos e afirmações, situado sobretudo no ambiente digital. Apesar da recente popularidade do nome desde 2016, em conjunto com a do termo *fake news*, a checagem de fatos é um processo jornalístico mais antigo. Todavia, não se confunde com a apuração de dados realizada há muito tempo nas redações. Taís Seibt corrobora esse entendimento ao explicar o fact-checking:

Trata-se de uma prática diferente do procedimento interno de apuração das redações jornalísticas tradicionais, aplicado como ritual desde as primeiras décadas do século XX para conferir os dados de uma reportagem. [...] Os fact-checkers agora se dedicam a checar o que já foi publicado. (SEIBT, 2019, p.27)

A checagem não é, portanto, o “primeiro movimento” do jornalismo, mas uma resposta do jornalismo no sentido de verificar, constatar a veracidade, apurar, complementar um dado.

4.1.5 Serviço

Entende-se a categoria Serviço como uma das atribuições mais elementares do jornalismo que se constitui na divulgação de informações e orientações de interesse público, ou utilidade pública, de ordem prática e utilidade imediata.

Segundo Vaz (2008), o jornalismo de serviço ou utilitário tem como base principal a proposta de oferecer a informação que o receptor necessita ou que poderá se tornar necessária a ele em algum momento. A denominação é utilizada normalmente para classificar o material jornalístico voltado para orientação e dicas ao público.

4.2 EPISÓDIOS DE ANÁLISE

Como descrito anteriormente, o conjunto de episódios analisados foi selecionado a partir de uma lista divulgada pelo G1 com os episódios mais ouvidos durante o primeiro ano de O Assunto. Dois episódios dos 12 originais foram retirados do grupo por já terem sido incorporados na etapa de pré-teste. No presente trecho, descreve-se cada episódio, o tema abordado, duração, convidados e o uso de sonoras externas.

Além disso, para contribuir com o entendimento de recorrências ao longo da amostra, os episódios são qualificados dentro de uma classificação temática. A saber, foram identificados os temas “Covid-saúde”, com quatro ocorrências; “Política”, com três ocorrências; “Covid-política” com duas ocorrências; e “Covid-economia”, com apenas uma ocorrência neste conjunto.

Gráfico 3 - Recorrências dos temas entre os episódios analisados



Fonte: elaborado pelo autor

4.2.1 O Assunto #107: Coronavírus, o novo vírus que colocou o mundo em alerta

Publicado no dia 23 de janeiro de 2020, o episódio 107 tratou do novo Coronavírus, que atingia a China e mais cinco países, e ainda tinha apenas uma suspeita de caso no Brasil. Excepcionalmente apresentado por Marcio Gomes, a edição de 25 minutos e 49 segundos teve como convidadas a jornalista da TV Globo Fabiane Leite e a médica infectologista Nancy Junqueira Bellei. Dentro da classificação temática, considera-se esse episódio como “Covid-Saúde”.

Durante os primeiros 3 minutos e 50 segundos do programa, Marcio Gomes conduz a introdução ao tema. São utilizadas diversas sonoridades externas de jornais da Globo e estrangeiros para expor o que é o vírus e qual é a situação no mundo todo. Levantam-se questionamentos sobre o contágio e as medidas sendo tomadas para impedi-lo.

A jornalista Fabiane Leite, especializada em saúde, é entrevistada no segundo momento, desde 3 minutos e 53 segundos até 12 minutos e 30 segundos. Nesse trecho Fabiane explica o que é o novo vírus, sua transmissão, origem e porque causa tanta preocupação. Depois relata as medidas de

detecção do vírus em outros países e no Brasil, além de citar as suspeitas de infectados naquele momento, em Minas Gerais e o preparo do país para lidar com o surto. O movimento nesta fala é de elucidação do tema, ao serem expostas diversas informações que se complementam no entendimento do vírus e suas consequências.

No bloco seguinte, entre os 12 minutos e 32 segundos, e 25 minutos e 34 segundos, a doutora Nancy Junqueira aprofunda, com sua visão de especialista, as características biológicas do vírus, expõe o que se sabe sobre sua transmissibilidade e protocolos de combate a, até então, epidemia.

Conforme notado nos episódios escutados na etapa de pré-teste, a estrutura mais recorrente do Assunto é dividida em três momentos. Primeiro, a apresentação do tema, na qual há uma conexão com os noticiários, tanto pelo frequente uso de sonoras advindas destes, quanto pelo seu teor mais informativo e introdutório ao tema; segundo, a participação de um jornalista, para elucidar as questões, juntar distintas informações e montar um contexto do tema tratado; por último, um especialista é entrevistado sobre questões específicas e detalhadas do tema, o aprofundando.

Identifica-se neste episódio, portanto, as categorias “Aprofundamento” e “Elucidação”. Ainda que a estrutura seja complementar e não possa elencar uma ordem de importância, quantitativamente há a predominância do bloco de aprofundamento, com cerca de 13 minutos, enquanto a elucidação dura pouco mais de 8 minutos.

4.2.2 O Assunto #177: As vítimas ocultas da Covid-19

O Assunto número 177 foi publicado no dia 30 de abril de 2020, com a duração de 25 minutos e 19 segundos. Aborda a subnotificação dos óbitos por Coronavírus e trouxe como convidados Paulo Lotufo, epidemiologista, professor da Faculdade de Medicina da USP e o médico socorrista Eduardo, que trabalha no Samu de Manaus. Tematicamente, caracteriza-se como “Covid-Saúde”.

Seguindo a estrutura recorrente do *podcast*, nos 3 minutos e 53 segundos iniciais é realizada a introdução ao tema, momento no qual Renata apresenta os dados sobre número de mortos e contágios pela Covid-19, além de citar a

provável subnotificação desses casos, alternando sua fala com diversas sonoras de jornais da Globo.

No bloco seguinte, entre 3 minutos e 54 segundos, e 13 minutos e 37 segundos, o médico do SAMU Eduardo relata sua rotina de trabalho em Manaus, e as mudanças causadas pela pandemia, devido à alta demanda de atendimentos.

No bloco final, o epidemiologista Paulo Lotufo é entrevistado por Renata Lo Prete, entre os 13 minutos e 39 segundos, e 24 minutos e 48 segundos. Lotufo justifica a hipótese da subnotificação dos casos, comenta a alta no número de casos de Síndrome Respiratória Aguda Grave, um dos indícios para essa suspeita, e alerta para os indicadores que governantes devem prestar atenção.

Compreende-se que o relato do médico Eduardo em si não se encaixa nas categorias previamente descritas, ainda que, semelhante ao episódio 174, comentado na etapa pré-teste, seja uma história particular com um valor universal e contribua para o entendimento do tema.

Da sua posição de especialista, Paulo Lotufo contribui para o aprofundamento presente no último bloco, categoria predominante durante o episódio, com 11 minutos e 9 segundos. Evidencia-se ainda que os dados apresentados por Renata Lo Prete ao longo do episódio podem se relacionar com a categoria elucidação, mas sua breve duração dificultam a aglutinação em um bloco quantificável. Sua brevidade provavelmente se dá pelo tema ter sido abordado anteriormente no Assunto #162.

4.2.3 O Assunto #161: O saque de R\$ 600 para os informais

Lançado no dia 09 de abril de 2020, o episódio 161, que aborda o auxílio emergencial pago durante a pandemia de Coronavírus, tem apenas um convidado, o repórter de economia do G1 Luiz Gerbelli. Com 14 minutos e 56 segundos de duração, é o menor episódio entre todos analisados. Classifica-se tematicamente como “Covid-Economia”.

Uma breve apresentação ao tema é narrada por Renata Lo Prete durante o primeiro minuto e 10 segundos. A partir daí o jornalista Luiz Gerbelli é entrevistado durante 9 minutos e 37 segundos sobre o auxílio pago pelo governo

federal. Explica detalhadamente as condições para acesso ao benefício, onde pode ser feito o cadastro necessário, onde tirar dúvidas, além de explicar o calendário de pagamentos e a provável duração do auxílio.

Em um segundo momento, entre os 10 minutos e 48 segundos, e os 13 minutos e 50 segundos, Gerbelli é perguntado sobre os novos saques do FGTS a serem liberados pelo governo. Nesse bloco, o jornalista explica o histórico e as motivações da medida.

Por último, entre 13 minutos e 50 segundos e 14 minutos e 45 segundos, Renata Lo Prete alerta para possíveis golpes relacionados ao pagamento do benefício e descreve como acessar os canais oficiais.

Nota-se, ao longo da fala de Luiz Gerbelli a elucidação de ambas medidas abordadas no programa, com a reunião de informações e a explicação de seu funcionamento, totalizando 12 minutos e 39 segundos com a soma dos blocos. Além disso, identifica-se fortemente a categoria serviço presente na primeira fala do jornalista, e na nota final de Renata Lo Prete, totalizando 10 minutos e 32 segundos. Apesar da predominância quantitativa da categoria elucidação, ambas se sobrepõem ao longo do episódio, e se complementam.

4.2.4 O Assunto #167: A troca de ministro e o futuro da saúde

Com duração de 21 minutos e 42 segundos e divulgado no dia 17 de abril de 2020, o episódio 167 teve como convidado o colunista do G1 Helio Gurovitz, para tratar sobre a troca do Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta para Nelson Teich. Na classificação temática, considera-se “Covid-política”.

Do início até os 2 minutos e 24 segundos, há a típica introdução do assunto, narrada por Renata Lo Prete e com a utilização de diversas sonoras externas. Neste caso são falas do ex-ministro Mandetta, do hoje ex-ministro Teich e do presidente Bolsonaro.

A partir dos 2 minutos e 25 segundos, até 20 minutos e 49 segundos há a entrevista com o jornalista Helio Gurovitz, na qual é feita uma análise da demissão de Mandetta e as consequências da mudança envolvendo o Ministério da Saúde. São abordados os possíveis motivos da troca, os erros e acertos do ex-ministro, as prospecções envolvendo Nelson Teich, a necessidade de

testagens e do isolamento social no contexto da pandemia, além do saldo político do acontecimento.

Ainda que a demissão em si seja o fato que gerou o início da conversa, ela não é pormenorizada, aprofundada, nem há uma explicação de fato objetivo, elucidação clara sobre as consequências da ação. A fala de Helio Gurovitz, conduzida por Renata Lo Prete, trata-se de um panorama da situação daquele momento envolvendo o Ministério da Saúde, e suas relações com Bolsonaro e com a pandemia de Coronavírus. Trata-se de uma análise mais ampla, com projeções e balanço de um conjunto de acontecimentos, portanto, considera-se que o bloco de entrevista, com duração de 18 minutos e 24 segundos, insere-se na categoria contextualização.

4.2.5 O Assunto #182: A ida teatral de Bolsonaro ao STF

Publicado no dia 8 de maio de 2020, o episódio 182 teve como convidados os jornalistas de política Merval Pereira e Valdo Cruz. Com duração de 30 minutos e 37 segundos, o programa abordou a ida do presidente Jair Bolsonaro ao STF, para pedir o fim do isolamento social, iniciado em função da pandemia de Coronavírus. Pela amplitude do assunto tratado, classifica-se tematicamente como “Política”.

O tema é apresentado por Renata Lo Prete durante os primeiros 3 minutos e 10 segundos do programa, explicando a ação do presidente, que foi motivada por pedidos de representantes da Indústria. As sonoras externas utilizadas durante desse trecho expõem a queda nos números do setor e as reclamações de empresários.

No bloco entre 3 minutos e 12 segundos e 17 minutos e 6 segundos, o jornalista Valdo Cruz é entrevistado sobre as questões principais envolvendo a movimentação de Bolsonaro. Primeiro, a discussão sobre a definição das atividades essenciais e, segundo a discussão sobre o reajuste do funcionalismo. Além disso, o jornalista trata sobre o desemprego no país e a relação da pandemia com esses diversos pontos. A partir dos 17 minutos e 10 segundos, até 29 minutos e 5 segundos, Merval Pereira narra e analisa os embates entre

Jair Bolsonaro e os demais poderes, como o STF, ou com prefeitos e governadores. Contextualizando e justificando as ações do presidente.

Compreende-se que pela característica panorâmica de ambos os blocos, com avaliação da relação entre pandemia e economia, e das causas e consequências dos enfrentamentos de Bolsonaro, o trecho somado de 25 minutos e 53 segundos classifica-se na categoria análise.

No encerramento do episódio entre 29 minutos e 9 segundos até 29 minutos e 50 segundos, há uma nota narrada por Renata Lo Prete, descrita como “mais uma das nossas dicas de cuidado durante a pandemia”. Na fala ensina-se a fazer um tapete sanitizante, para limpeza dos sapatos a fim de evitar a contaminação por Coronavírus. Apesar de breve e pouco relacionada com o tema do episódio, a nota de 41 segundos encaixa-se claramente na categoria serviço, ao transmitir uma orientação de interesse público.

4.2.6 O Assunto #187: A fritura do ministro da Saúde

Lançado no dia 15 de maio de 2020, com duração de 29 minutos e 54 segundos, o episódio 187 do Assunto tratou da saída do Ministro da Saúde Nelson Teich. Os convidados, o médico sanitário José Gomes Temporão e a comentarista de política da Globo Cristiana Lôbo. Classifica-se tematicamente como “Covid-política”.

No primeiro momento, até os 3 minutos e 2 segundos, Renata Lo Prete introduz a relação conturbada de Teich com o presidente Bolsonaro e a “fritura” que o ministro estaria recebendo.

Entre 3 minutos e 5 segundos, e 15 minutos e 51 segundos, a jornalista Cristiana Lôbo descreve a situação do ministro desde sua chegada ao Ministério da Saúde, seu isolamento e a relação com outros integrantes do governo. Em consonância com outros episódios que tratam sobre política, o bloco caracteriza-se por sua contextualização, por realizar um panorama da situação envolvendo o ministério e presidente, no contexto da pandemia. No bloco seguinte o ex-ministro José Gomes Temporão fala, entre 15 minutos e 52 segundos, e 28 minutos e 19 segundos, sobre especificidades do Ministério da Saúde e, sobretudo, analisando as ações necessárias a serem tomadas dali em diante.

Considera-se o trecho em conjunto, somando 25 minutos e 14 segundos, como dentro da categoria contextualização

Um pequeno trecho de 47 segundos, a partir dos 21 minutos e 18 segundos, expõe uma sonora de Teich afirmando a boa performance do Brasil em relação a pandemia, usando o dado de mortos por milhão de habitantes. Imediatamente após, é incluída a sonora de reportagem desmentindo a afirmação, utilizando dados do próprio ministério. Manifesta-se no trecho a categoria checagem.

Por fim, a partir dos 28 minutos e 20 segundos, Renata Lo Prete narra outro alerta sobre cuidados durante a pandemia de Coronavírus. Na fala com duração de 37 segundos, dá dicas sobre como utilizar elevadores e se prevenir do contágio. Novamente, o breve trecho final do *podcast* encaixa-se na categoria serviço.

Quantitativamente, há a predominância clara da categoria contextualização, com 25 minutos e 14 segundos e, depois, pequenos trechos de checagem (47 segundos) e serviço (37 segundos).

4.2.7 O Assunto #173: Edição extra - Moro fora do governo Bolsonaro

O episódio 173, publicado no dia 25 de abril de 2020, abordou o tema da saída de Sergio Moro do Ministério da Justiça, com os convidados Andréia Sadi, repórter da Globo, e Celso Rocha de Barros, o sociólogo e colunista da Folha de S. Paulo. Ao todo, possui a duração de 30 minutos e 45 segundos, a maior dentre os episódios analisados neste capítulo. Classifica-se tematicamente como “Política”.

Esta foi a primeira edição extra do Assunto, publicada em um sábado. Renata Lo Prete, na *live* de aniversário do *podcast* justifica a publicação no fim de semana devido a relevância do tema e a necessidade de ser feito no calor da hora para não se tornar um episódio velho (O ASSUNTO..., 2020).

Nos primeiros 5 minutos e 13 segundos, diversas sonoras de Jair Bolsonaro e Sergio Moro são utilizadas em conjunto com a fala de Renata Lo Prete para apresentar a ascensão e queda da relação entre ministro e presidente. Considera-se esse trecho apenas uma exposição inicial, sem

enquadrar-se nas categorias previstas. Entre os 5 minutos e 14 segundos, e 17 minutos e 5 segundos, a jornalista Andreia Sadi responde sobre os motivos da saída de Moro, explicita a polêmica da troca no comando da Polícia Federal feita por Bolsonaro e analisa as possíveis consequências das acusações realizadas por Sérgio Moro. Novamente, há a formação de um panorama a partir de um acontecimento específico, o que se considera, no presente trabalho, contextualização.

Entre os 17 minutos e 6 segundos, e 30 minutos e 12 segundos, o sociólogo Celso Rocha de Barros avalia o pronunciamento de Bolsonaro, dado em função da saída do ministro, e o saldo político de todo esse movimento, incluindo as possibilidades de *Impeachment* e a aproximação do presidente com os deputados do chamado “centrão”. A fala de Celso complementa a de Andreia Sadi, mas se mantém na mesma forma, é uma análise ampla da situação, com projeções a respeito do futuro.

Categoriza-se, portanto, os blocos que somados têm duração de 24 minutos e 58 segundos como contextualização.

4.2.8 O Assunto #194: EDIÇÃO EXTRA - O governo Bolsonaro nu e cru

Outra edição extra do *podcast*, o episódio 194, publicado no dia 23 de maio de 2020, discutiu a reunião ministerial do governo Bolsonaro, realizada no dia 22 de abril, em razão do seu vídeo ter sido divulgado. Classifica-se seu tema como “Política”, categoria na qual percebe-se episódios mais longos da amostra, inclusive este, com 30 minutos e 41 segundos de duração, segundo maior.

Há neste episódio o retorno da convidada Maria Cristina Fernandes, repórter especial e colunista do jornal Valor Econômico, que esteve no Assunto 88, descrito na etapa de pré-teste. Após uma breve introdução ao tema feita por Renata Lo Prete, durante os primeiros 35 segundos, Maria Cristina começa a explicar os motivos para a divulgação do vídeo. Após isso, é feita uma avaliação de diversos momentos da reunião ministerial, as discussões sobre a relação do Brasil com a China, o interesse do presidente na troca do comando da Polícia Federal, a intenção de armar a população. A jornalista discute ainda os ataques do presidente, apoiado pelos ministros, ao STF, a prefeitos e governadores. Por

último, Renata e Maria Cristina examinam os embates de visões econômicas dentro do governo.

Ao final, Renata Lo Prete encerra com a seguinte fala:

Antes de terminar eu lembro que enquanto acontecia a reunião ministerial de 22 de abril, o Brasil contabilizava 2.741 mortos pelo novo Coronavírus, assunto que passou batido na reunião. Nesta sexta-feira, exatamente um mês depois, os mortos são 21.048. (O ASSUNTO #194, 2020, *podcast*)

Considera-se os dados nesse trecho um complemento a discussão realizada ao longo do episódio. Ou seja, esse grande bloco de 29 minutos e 35 segundos caracteriza novamente uma análise do acontecimento - no caso, a reunião ministerial. Projeta-se consequências e avalia-se significados de diversos pontos envolvendo o tema central. Portanto, caracteriza-se ao que se conceitua como contextualização.

4.2.9 O Assunto #171: O rastreamento de pessoas no combate à Covid-19

Lançado no dia 23 de abril de 2020, a edição 171 do Assunto aborda o uso da tecnologia para rastrear infectados pelo novo Coronavírus e contribuir no controle da pandemia. Com duração de 24 minutos e 6 segundos, o episódio tem a participação do colunista do G1 Altieres Rohr e Ronaldo Lemos, advogado e diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro. Na classificação temática, encaixa-se na categoria “Covid-saúde”.

A abertura é realizada nos primeiros 2 minutos e 40 segundos, na qual Renata Lo Prete expõe os esforços necessários para combater o Coronavírus, como testes, isolamento e rastreio de casos. Com o uso de sonoras externas de noticiários, é apresentado o possível uso da tecnologia para rastrear e controlar os casos da doença. A partir daí, são introduzidos os convidados, descritos como especialistas em coleta e uso de dados.

A partir dos 2 minutos e 41 segundos, até 5 minutos e 6 segundos, o advogado Ronaldo Lemos explica o que é e qual o funcionamento dos três tipos de rastreamento de celulares, utilizados para combater a pandemia. Compreende-se que nesse trecho, por haver a explicação objetiva de um ponto

específico, a fim de torná-lo compreensível ao ouvinte, há um trecho de elucidação.

Entre os 5 minutos e 7 segundos e os 16 minutos e 40 segundos, o advogado aprofunda o tema, expondo a função de cada modelo, as especificidades para o uso e exemplos pelo mundo. Além disso, avalia as implicações legais da utilização dos dados da população, relacionando com a Lei Geral de Proteção de Dados, e comenta os riscos de invasão da privacidade.

No próximo bloco, o jornalista Altieres Rohr continua o aprofundamento sobre o tema, entre os 16 minutos e 42 segundos, e 23 minutos e 6 segundos do programa. Altieres aborda detalhes das tecnologias utilizadas nos modelos já mencionados, e a aplicação de cada caso, além continuar a discussão sobre a preocupação relacionada à privacidade dos usuários.

Entende-se, portanto, que o trecho final da fala de Ronaldo Lemos e a entrevista com Altieres Rohr se encaixam no conceito de aprofundamento, totalizando um bloco de 17 minutos e 59 segundos para esta categoria.

Ao final, uma pequena nota é lida por Renata Lo Prete, orientando sobre o uso de máscaras, em função da pandemia. O trecho de 31 segundos, a partir dos 23 minutos e 7 segundos, categoriza-se como um serviço, em consonância com outras notas ao final de episódios analisados anteriormente.

Ainda que haja um pequeno e importante trecho de elucidação no início, quantificado em 2 minutos e 25 segundos, nota-se a predominância quantitativa e de relevância da categoria aprofundamento, dentro do episódio. Por último, a categoria serviço aparece de forma breve, como em outros momentos.

4.2.10 O Assunto #199: Qual é a hora de afrouxar o isolamento?

O último episódio da amostra, publicado no dia 29 de maio de 2020 e com duração de 26 minutos e 37 segundos discutiu a abertura do comércio nas cidades brasileiras e o afrouxamento do isolamento social aplicado em função do Coronavírus. Os convidados foram o jornalista Raphael Faraco, da afiliada da TV Globo em Santa Catarina, e o reitor da Universidade Federal de Pelotas, Pedro Hallal.

Na abertura, durante os primeiros 3 minutos e 47 segundos, Renata Lo Prete relata os movimentos de diversos países para abrandar o distanciamento social e promover a reabertura das atividades, apesar dos alertas da OMS e números da pandemia.

No bloco entre os 3 minutos e 48 segundos, e 11 minutos e 51 segundos, o jornalista Raphael Faraco expõe a situação de Santa Catarina em relação a pandemia. Relata o aumento no número de infectados no estado desde a reabertura do comércio de rua e detalha dados de algumas cidades. Acredita-se que o trecho se caracteriza como uma exposição semelhante a feita na abertura do programa detalhando os dados de um local em específico. Dito isso, tal bloco em si não se enquadraria nas categorias apreciadas neste trabalho.

Entre os 11 minutos e 52 segundos, e 25 minutos e 6 segundos do programa, o epidemiologista e reitor da UFPel, Pedro Hallal, avalia as intenções de afrouxamento do isolamento social no Brasil. Explica as condições a serem verificadas antes do início de reabertura, as orientações da OMS, e expõe modelos possíveis. Destaca-se um movimento de aprofundamento do tema, com análise mais detalhada advinda do especialista.

Ao final do episódio, mais precisamente aos 25 minutos e 7 segundos, há outra nota de serviço narrada por Renata Lo Prete. No trecho em questão são dadas orientações gerais para se prevenir ao Coronavírus.

Novamente, nota-se a predominância da categoria aprofundamento, ocupando 13 minutos e 14 segundos do episódio. Como categoria secundária, observa-se a categoria serviço, com duração de 59 segundos.

Para fins de ilustração, apresenta-se a tabela com as categorias observadas em cada episódio analisado:

Quadro 3 - Categorias predominantes e minoritárias dos episódios analisados

Episódio	Categoria predominante	Categoria minoritária
O Assunto #107: Coronavírus, o novo vírus que colocou o mundo em alerta	Aprofundamento	Elucidação
O Assunto #177: As vítimas ocultas da Covid-19	Aprofundamento	Elucidação

O Assunto #161: O saque de R\$ 600 para os informais	Elucidação	Serviço
O Assunto #167: A troca de ministro e o futuro da Saúde	Contextualização	
O Assunto #182: A ida teatral de Bolsonaro ao STF	Contextualização	Serviço
O Assunto #187: A fritura do ministro da Saúde	Contextualização	Checagem - Serviço
O Assunto #173: Edição extra - Moro fora do governo Bolsonaro	Contextualização	
O Assunto #194: EDIÇÃO EXTRA - O governo Bolsonaro nu e cru	Contextualização	
O Assunto #171: O rastreamento de pessoas no combate à Covid-19	Aprofundamento	Elucidação
O Assunto #199: Qual é a hora de afrouxar o isolamento?	Aprofundamento	Serviço

Fonte: elaborado pelo autor

Vale pontuar que dos 12 episódios mais ouvidos no primeiro ano do Assunto, oito foram publicados entre abril e maio de 2020, e oito trataram direta ou indiretamente de Coronavírus. A centralidade do assunto, o impacto gerado na sociedade e até mesmo a quantidade de pessoas em casa, por causa da quarentena, possivelmente contribuíram para a audiência destes episódios.

Ao longo da análise, percebe-se uma correlação entre a contextualização e as categorias temáticas Política e Covid-política. Pressupõe-se que, por os temas serem amplos e voláteis, demanda-se interpretações igualmente amplas, que avaliem o panorama posto e interprete suas consequências.

4.3 UMA MEDIAÇÃO POSSÍVEL

Refletindo sobre as categorias descritas neste capítulo, desenvolvidas a partir da escuta dos episódios da amostra em consonância com o referencial teórico apresentado, percebem-se características que positivamente contribuem ao processo de mediação da esfera pública atribuído ao jornalismo e, entendido aqui como caminho a ser seguido para enfrentamento da crise. Sobretudo a

contextualização, a elucidação e o aprofundamento, devido a sua predominância, mas inclusos a checagem e o serviço, são categorias que se mostram relevantes de serem empregadas por *podcasts* jornalísticos.

Paralelamente, aponta-se que em todos os episódios analisados houve o uso de diversas sonoras externas de jornais, nem sempre apontados durante o presente capítulo. Manchetes, reportagens e entrevistas advindas de noticiários televisivos sobretudo da Globo foram utilizadas na produção do *podcast*, com exceção de trechos curtos de jornais estrangeiros. Ainda que tais fragmentos não tenham sido considerados para a categoria de checagem, levando em conta que para tal seria demandado a fala de um terceiro que pudesse ter seus dados averiguados, questiona-se se esse movimento seria uma forma de auto-checagem, uma tentativa de reafirmação e corroboração dos dados ali postos. Entretanto justifica-se a ausência de uma abordagem maior sobre esta questão devido à dificuldade de inquirir as intenções do uso de sonoras externas apenas com a análise de conteúdo.

Porém, identifica-se esse movimento como uma possível expressão da cristalização rizomática do acontecimento. Se referencia, com a utilização das sonoras, uma série de acontecimentos encadeados, a fim de produzir um conhecimento contextualizado sobre pontos específicos do tempo presente. Não se pressupõe um esgotamento do assunto pelo jornalismo, mas se reconstrói passos relevantes dentro de tal contexto.

A própria categoria contextualização, apresentada como predominante nos episódios analisados também indica um movimento nesse sentido, de criar entendimento a partir de diversos pontos que envolvem um acontecimento. As explicações, análises e projeções sobre episódios envolvendo a política nacional, por exemplo, contribuem para a compreensão de diversos pontos dentro de tais eventos, ainda que não deem um fim ao assunto — o que de fato não é possível.

Diante de tudo que foi exposto, defende-se que há muito a avançar e desenvolver dentro da relação entre *podcast* e mediação qualificada. Mas compreende-se que as suspeitas sobre o formato possibilitar uma expressão mais concreta e visível da mediação qualificada parecem promissoras ou ao menos dignas de maior investigação.

Por fim, acredita-se no potencial do formato *podcast*, pelo seu alcance a um público amplo e difuso, especialmente se tratando do Assunto – evidente pelos números de audiência em relação a América Latina e por pertencer a uma grande empresa como o grupo Globo. Em consonância, é possível afirmar que o formato favorece o exercício da mediação qualificada ao admitir seu recorte e escolha, a partir da impossibilidade de representação de tudo; ao preocupar-se em promover entendimento sobre os acontecimentos, servindo à função mediadora e de criação de conhecimento sobre o tempo presente, atribuído ao jornalismo; e, ainda, com a contextualização sobre acontecimentos em consonância com a proposta do agir cartográfico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que o processo realizado neste trabalho contribui para a produção científica, em especial a que se relaciona com a proposta da mediação qualificada, e que o conjunto de episódios analisados se fez satisfatório para o escopo de um trabalho de conclusão de curso de graduação. Entretanto, é necessário destacar que não houve a pretensão de esgotar o conceito de mediação qualificada, de crise do jornalismo ou mesmo do *podcast* como formato que favorece o enfrentamento desta crise, mas sim dar um primeiro passo em busca deste entendimento e levantar subsídios para estudos futuros. Ademais, sendo o primeiro passo na formação de um pesquisador, não se propõe a fazer afirmações universais ou muito amplas em seus resultados.

Há lacunas que podem ser preenchidas em exercícios futuros, como a avaliação de uma amostra mais ampla do próprio O Assunto e de outros *podcasts* semelhantes. No entanto, compreende-se que o processo realizado foi adequado para o atendimento dos objetivos propostos.

Neste processo, primeiramente, discorreu-se sobre a crise do jornalismo evidenciada pelo ambiente digital, onde há uma multiplicidade de sentidos que diferem ou até refutam o do jornalismo, definido justamente como campo que produz conhecimento sobre o tempo presente.

Então, debateu-se a proposta da mediação qualificada, estratégia de enfrentamento à crise, baseada na produção de signos essenciais a partir do acontecimento e na re colocação do jornalismo em seu lugar de mediador da esfera público.

Caracterizou-se o *podcast* como fenômeno contemporâneo. Em seguida, descreveu-se as características relevantes do *podcast* jornalístico O Assunto, do Grupo Globo, por meio da criação e quantificação de categorias presentes nos episódios da amostra. Notou-se as categorias contextualização, aprofundamento e elucidação como predominantes dentro dos seus episódios, ainda que, vale o registro, a predominância quantitativa de um tipo de texto jornalístico ao longo de uma produção não necessariamente indica a sua maior relevância, importância ou até mesmo alcance para o público, mesmo que nesse caso assim seja.

Então, a partir desses passos, verificou-se que o formato *podcast* favorece de fato ao exercício da mediação qualificada como estratégia de enfrentamento à crise. Dado a predominância de características identificadas como relevantes para a proposta da mediação qualificada, e até a aproximação entre a contextualização e o conceito de agir cartográfico, indicam que o formato é profícuo para traçar caminhos entre os inúmeros elementos que compõem um acontecimento e construir uma narrativa inteligível para o público.

O Assunto aproveita características de *podcasts* do formato mais *soft* do que *hard news*, ao mesmo tempo que consegue se relacionar com o boletim noticioso. Isso torna o *podcast* um excelente objeto de teste para a mediação qualificada, pois a proposta não visa extinguir o *hard news* em nome do jornalismo de profundidade, de esclarecimento e interpretativo. Trata-se pois de realizar o noticiário inspirado por essa proposta.

Diante de um ambiente social e político em que o jornalismo se viu atacado, desvalorizado, e insuficiente para operar sentidos na sociedade — visto o advento das *fake news* — e diante da própria crise aqui descrita, reforça-se a capacidade do próprio jornalismo, ao rever suas práticas e posicionamentos, de enfrentar esta situação e não deixar o campo se exaurir. O jornalista tem um papel fundamental de vigilante da democracia, de exercer um serviço ao interesse público e de mediar os acontecimentos caóticos, no qual ele não pode ser substituído facilmente enquanto houver pesquisadores e profissionais dispostos a resistir. E, afinal, se falam tanto para os estudantes de jornalismo que há uma crise, é porque de alguma forma acreditam que deles mesmos podem vir os meios de superá-la.

REFERÊNCIAS

- ABPOD. **Podpesquisa 2019-2020**. 2020. Disponível em: https://www.canva.com/design/DAD2c2rBAPY/view?utm_content=DAD2c2rBAPY&utm_campaign=designshare&utm_medium=embeds&utm_source=link#1. Acesso em: 18 out. 2020.
- COSTA, Andriolli de Brites da. Não há fatos contra argumentos: a falha da atestação da Verdade como validador do Jornalismo. *In: Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo*, 17., p. 1-17, nov. 2019, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: SBPjor, 2019. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2019/paper/viewFile/2042/1159>. Acesso em: 18 out. 2020.
- FALCÃO, Márcio; VIVAS, Fernanda. Alexandre de Moraes Prorroga inquérito das *fake news* por mais seis meses. **G1**, Brasília, 01 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/01/alexandre-de-moraes-prorroga-inquerito-das-fake-news-por-mais-seis-meses.ghtml>. Acesso em: 18 out. 2020.
- FERNANDES, Maria Cristina. Um bote sem âncoras sob o leme do capitão. **Valor Econômico**, 19 dez. 2019. Política. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/coluna/um-bote-sem-ancoras-sob-o-leme-do-capitao.ghtml>. Acesso em: 18 out. 2020.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2016.
- HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. *In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007. p.123-142.
- IBOPE. **Pesquisa sobre Podcast**. 2019. Apresentação de Slides. Disponível em: https://www.ibopeinteligencia.com/arquivos/JOB%2019_0372_APRESENTA%C3%87%C3%83O_PODCAST.pdf. Acesso em: 18 out. 2020.
- JORNALISMO da Globo lança novos *podcasts*. **G1**, 25 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/noticia/2019/08/25/jornalismo-da-globo-lanca-novos-podcasts.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2019.
- LO PRETE, Renata. O Assunto: os episódios mais ouvidos do primeiro ano. **G1**, 24 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/08/24/o-assunto-os-episodios-mais-ouvidos-do-primeiro-ano.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020
- MARQUES, José. Depois do Twitter, Facebook e Instagram também apagam post de Bolsonaro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/depois-do-twitter-facebook-tambem-apaga-post-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 18 out. 2020.

MURTA, Cíntia Maria Gomes. *Podcast: conversaço*em rede. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicaçoo, 39., p.1-15, 2016, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: INTERCOM, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1187-1.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.

O ASSUNTO #01: Amazônia em chamadas. Entrevistadora: Renata Lo Prete. Entrevistados: Álvaro Pereira Júnior, Ane Alencar. [S.l.]: G1, 26 ago. 2019. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2019/08/26/o-assunto-01-amazonia-em-chamas.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O ASSUNTO #107: Coronavírus, o novo vírus que colocou o mundo em alerta. Entrevistador: Márcio Gomes. Entrevistados: Fabiane Leite, Nancy Junqueira Bellei. [S.l.]: G1, 23 jan. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/01/23/o-assunto-107-coronavirus-o-novo-virus-que-colocou-o-mundo-em-alerta.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O ASSUNTO #130: Ceará - PMs parados e a crise na segurança. Entrevistadora: Renata Lo Prete. Entrevistados: Cadu Freitas, Tânia Pinc. [S.l.]: G1, 26 fev. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/02/26/o-assunto-130-ceara-pms-parados-e-a-crise-na-seguranca.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O ASSUNTO #161: O saque de R\$ 600 para os informais. Entrevistadora: Renata Lo Prete. Entrevistado: Luiz Gerbelli. [S.l.]: G1, 09 abr. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/04/09/o-assunto-161-o-saque-de-r-600-para-os-informais.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O ASSUNTO #167: A troca de ministro e o futuro da Saúde. Entrevistadora: Renata Lo Prete. Entrevistado: Helio Gurovitz. [S.l.]: G1, 17 abr. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/04/17/o-assunto-167-a-troca-de-ministro-e-o-futuro-da-saude.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O ASSUNTO #171: O rastreamento de pessoas no combate à Covid-19. Entrevistadora: Renata Lo Prete. Entrevistados: Ronaldo Lemos, Altieres Rohr. [S.l.]: G1, 23 abr. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/04/23/o-assunto-171-o-rastreamento-de-pessoas-no-combate-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O ASSUNTO #173: Edição extra - Moro fora do governo Bolsonaro. Entrevistadora: Renata Lo Prete. Entrevistados: Andréia Sadi, Celso Rocha de Barros. [S.l.]: G1, 25 abr. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/04/25/o-assunto-173-edicao-extra-moro-fora-do-governo-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O ASSUNTO #174: Vidas em quarentena, com Selminha Sorriso e Claudinho. Entrevistadora: Renata Lo Prete. Entrevistados: Selminha Sorriso, Claudinho. [S.I.]: G1, 27 abr. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/04/27/o-assunto-174-vidas-em-quarentena-com-selminha-sorriso-e-claudinho.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O ASSUNTO #177: As vítimas ocultas da Covid-19. Entrevistadora: Renata Lo Prete. Entrevistados: Paulo Lotufo, Eduardo. [S.I.]: G1, 30 abr. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/04/30/o-assunto-177-as-vitimas-ocultas-da-covid-19.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O ASSUNTO #182: A ida teatral de Bolsonaro ao STF. Entrevistadora: Renata Lo Prete. Entrevistados: Merval Pereira, Valdo Cruz. [S.I.]: G1, 08 maio 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/05/08/o-assunto-182-a-ida-teatral-de-bolsonaro-ao-stf.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O ASSUNTO #187: A fritura do ministro da Saúde. Entrevistadora: Renata Lo Prete. Entrevistados: José Gomes Temporão, Cristiana Lôbo. [S.I.]: G1, 15 maio 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/05/15/o-assunto-187-a-fritura-do-ministro-da-saude.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O ASSUNTO #194: EDIÇÃO EXTRA - O governo Bolsonaro nu e cru. Entrevistadora: Renata Lo Prete. Entrevistada: Maria Cristina Fernandes. [S.I.]: G1, 23 maio 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/05/23/o-assunto-194-edicao-extra-o-governo-bolsonaro-nu-e-cru.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020

O ASSUNTO #199: Qual é a hora de afrouxar o isolamento?. Entrevistadora: Renata Lo Prete. Entrevistados: Raphael Faraco, Pedro Hallal. [S.I.]: G1, 29 maio 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/05/29/o-assunto-199-qual-e-a-hora-de-afrouxar-o-isolamento.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O ASSUNTO #218: O impacto do auxílio emergencial na pobreza. Entrevistadora: Renata Lo Prete. Entrevistados: Naércio Menezes, Valdo Cruz. [S.I.]: G1, 26 jun. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/06/26/o-assunto-218-o-impacto-do-auxilio-emergencial-na-pobreza.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O ASSUNTO #260: O risco Queiroz para o próprio Bolsonaro. Entrevistadora: Renata Lo Prete. Entrevistada: Fernanda Graell. [S.I.]: G1, 25 ago. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/08/25/o-assunto-260-o-risco-queiroz-para-o-proprio-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O ASSUNTO #45: O que dizem os voluntários que correm riscos para ajudar a limpar praias atingidas por petróleo no Nordeste. Entrevistadora: Renata Lo

Prete. Entrevistados: Sidney Marcelino, Sheylane Luz, Beatriz Castro. [S./]: G1, 25 out. 2019. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2019/10/25/o-assunto-45-o-que-dizem-os-voluntarios-que-correm-riscos-para-ajudar-a-limpar-praias-atingidas-por-petroleo-no-nordeste.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O ASSUNTO #88: O primeiro ano do governo Bolsonaro. Entrevistadora: Renata Lo Prete. Entrevistados: Maria Cristina Fernandes. [S./]: G1, 26 dez. 2019. *Podcast*. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2019/12/26/o-assunto-88-o-primeiro-ano-do-governo-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2020.

O ASSUNTO: *podcast* apresentado por Renata Lo Prete, completa 1 ano. **G1**, 26 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/08/26/o-assunto-podcast-apresentado-por-renata-lo-prete-completa-1-ano.ghtml>. Acesso em: 18 out. 2020.

OLIVEIRA, Felipe Moura de. Da crise à mediação qualificada: apontamentos a partir da #Vazajato como ciberacontecimento jornalístico. *In*: Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, 17., p. 1-17, nov. 2019, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: SBPjor, 2019. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/2042/1158>. Acesso em: 18 out. 2020.

OLIVEIRA, Felipe Moura de. **Semiose da notícia em ambiente de crise: movimentos em rede e mediação na semiosfera contemporânea**. 2016. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5372>. Acesso em: 18 out. 2020.

OLIVEIRA, Felipe Moura de; NICKEL, Barbara; KALSING, Janaína. A notícia contada, explicada e conversada: colaboração e mediação no jornalismo praticado em *podcast* no Brasil. **Fronteiras: estudos midiáticos**. São Leopoldo, v. 22, n. 3., set./dez. 2020. No prelo.

OLIVEIRA, Felipe Moura de; OSÓRIO, Moreno Cruz; HENN, Ronaldo César. Agir cartográfico: proposta teórico-metodológica para compreensão e exercício do jornalismo em rede. *In*: Encontro Anual da Compós, 28., p.1-20, 2019, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: Compós, 2019. Disponível em: http://compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_VOHR9REETUOVW8I3TZYF_28_7626_21_02_2019_07_24_15.pdf. Acesso em: 18 out. 2020.

OLIVEIRA, Felipe Moura de; STEFENON, Eduarda; OZORIO, Júlia. **A crise em 20 anos: reflexões sobre a mediação qualificada como estratégia de enfrentamento à luz do GT Estudos de Jornalismo da Compós (2000-2019)**. Trabalho a ser apresentado ao Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, 18., nov. 2020. No prelo.

PASQUINI, Patrícia. 90% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram em *fake news*, diz estudo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 nov. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news-diz-estudo.shtml>. Acesso em: 18 out. 2020.

PODCAST Report América Latina: principais 100 *podcasts*, mar./abr. 2020. In: **Triton Digital**. Disponível em: https://tritondigitalv3.blob.core.windows.net/media/Default/PodcastReports/LATAM%20Podcast%20Report_PT_Mar16-Apr12.pdf?utm_source=Triton%20Site&utm_medium=site&utm_campaign=LATAM%20podcast%20report%20mar%2016%20-%20apr%2012_PT. Acesso em: 18 out. 2020.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**: o que dizem veículos, jornalistas e leitores. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/140809/000992317.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 out. 2020.

SEIBT, Tais. **Jornalismo de verificação como tipo ideal**: a prática de fact-checking no Brasil. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/193359/001092320.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 out. 2020.

VAZ, Tyciane Viana. Jornalismo de Serviço: as espécies utilitárias como gênero na mídia brasileira. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31., p. 1-15, 2008. Natal. **Anais [...]**. Natal: INTERCOM, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0482-1.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.